

Entrevistas



Jaime Cubero

Prefácio

Não caberia aqui nesta pequena apresentação discorrer sobre a vida e obra desse ilustre companheiro, tendo em vista o grande risco que corremos de diminuí-las. Ninguém melhor que ele mesmo para, nas próximas páginas, dar conta desta árdua tarefa. Talvez seja mais interessante traçar algumas impressões acerca dos efeitos que Jaime Cubero causou entre nós. Não há como não considerar essa entrevista um marco. Foi a última entrevista de que se tem notícia, cedida por esse velho e incansável militante. Sempre bem disposto. Repousa aí uma enorme importância para a história e a memória do movimento anarquista. Seus anos de luta atestam-na.

Foi numa tarde chuvosa e com uma pauta improvisada que esse bate-papo se deu. O próprio Jaime parece ter traçado os rumos da entrevista em sua cabeça...

Enquanto explanava, os itens da pauta original eram, um a um, sendo esgotados. A participação dos "entrevistadores" limitou-se a intervenções casuais e muitas gargalhadas. Jaime falava muito e notava-se o quanto ele gostava dessa sua "virtude".

Tinha-se o objetivo de realizar outra sessão, onde a objetividade seria mais respeitada. Não deu tempo, Jaime se foi, seis meses depois, no dia 20 de maio de 1998, interrompendo assim a "hora extra" que fazia aqui na Terra, como insistia em dizer.

Jaime foi um marco no anarquismo por fazer a ligação entre duas gerações distantes de militantes. Fazia questão de passar toda a sua experiência e entusiasmo para a "garotada". Estava sempre rodeado de pessoas. Seu carisma e sua prosa leve e divertida, porém, coerente e decidida funcionavam como irmãos. A passagem marcante deste companheiro marcou definitivamente os rumos do ideal libertário no Brasil. E porque não dizer que aquele velhinho marcou a vida de muitas pessoas de um jeito irrecuperável. A lembrança de sua vital dedicação ao ideal em que acreditava nos inspira e nos renova no dia-a-dia.

Temos que nos orgulhar de ter tido entre nós uma figura de tal grandeza. Saúde e anarquia companheiro Jaime Cubero!!!

A entrevista que segue foi realizada pessoalmente no dia 15 de novembro de 1997, Jaime Cubero contava com 70 anos.

Questionário elaborado por Rodrigo Rosa da Silva e Leandro Marcio Ramos;
Entrevista transcrita por Rodrigo Rosa da Silva;
Notas por Marcolino Jeremias; *(atualização das notas 10, 13 e 18 por Imprensa Marginal)*
Prefácio da entrevista por Rodrigo Rosa da Silva;

Nota: A entrevista aqui publicada foi retirada do livro "Três Depoimentos Libertários", publicado pela Editora Achiamé (Rio de Janeiro).

Entrevista

Jaime Cubero

Quem é Jaime Cubero? Nasci em 5 de abril de 1927, na cidade de Jundiaí. Meu pai faleceu quando eu tinha 2 anos, não tenho nenhuma lembrança dele, nenhuma imagem. Meu pai não deixou nenhuma foto. A minha irmã mais velha tinha oito anos e a mais nova tinha dois meses. Éramos seis irmãos.

Tem alguns episódios que chegam a ser curiosos. Por exemplo: tinha o problema de falecer um filho por ano, se isso não tivesse acontecido teríamos chegado a 18. Eles deram uma pausa curiosa de três anos entre o 3º irmão e eu. Depois nasceram, justamente, os gêmeos. Deram uma pausa de três anos para ver se diminuía a produção e vêm gêmeos: eu e uma irmã chamada Aurora, que ainda está viva. Aí eles ficaram apavorados. Minha avó materna quando chegou de São Paulo botou as mãos na cabeça e disse: "Puxa vida, agora que tinha demorado um pouco mais vem dois!". A outra avó disse: "Não se preocupe, um está morto, só vai ficar um". Esse que estava "morto" era eu, não sabiam o trabalho que eu ia dar.

Nesse período, para poder enfrentar a situação, meus avós dividiram a família: minha mãe passou a morar em São Paulo com três filhos. Então ficaram três com os avós paternos, e três com os avós maternos, os mais velhos. Em Jundiaí ficamos eu, minha irmã e meu irmão, mas este ficou pouco tempo e logo se foi para São Paulo, ficando os gêmeos. Isso tudo é só um esboço para ver como as coisas se deram. Quando eu falar da minha formação escolar, você vai até achar graça... Logo quando atingi a idade de sete anos, fui matriculado no grupo escolar em Jundiaí. Na metade do ano fiquei muito doente e tive que vir para São Paulo para me tratar, lá não tinha recursos. Depois acabaram decidindo que já que eu estava aqui, deveria ficar. Minha mãe se transferiu para cá com toda a ninhada. Tem uma coisa muito curiosa. Depois que eu sarei minha avó foi me matricular num grupo escolar onde estudavam meus irmãos, era na Vila Bertioga, no alto da Mooca, muito longe. Ela queria me matricular no primeiro ano, mas não tinha vaga. Ela perguntou: "E no segundo?". "No segundo tem". "Ah, então matricula ele no segundo mesmo!". Naquela época era quatro anos de curso primário e eu fiz em três. Tirei o diploma, tinha dez anos, era muito jovem. Fizeram um concurso de provas e quem atingisse o maior número de pontos ganharia uma bolsa da Secretaria da Educação. Eu ganhei a bolsa, mas não pude seguir pois tive que ir trabalhar. Um ótimo professor me ofereceu uma vaga num externato. Eu queria continuar estudando. Meus irmãos diziam: "Nenhum de nós estudou. Você já se destacou na escola, vamos fazer uma força". Mas que nada! Trabalhavam todos em fábricas e eu tive que ir também. Até gosto de fazer uma referência, porque o que te leva a ter convicções sobre determinadas idéias são fatores que vão se apresentando no cotidiano, na vida, no que você vai vendo. Eu acho que aquele professor era anarquista. Hoje quando analiso o comportamento dele vejo uma solidariedade extraordinária. Ele, por exemplo, não se importava com esse negócio de um coleguinha colar do outro. Os demais professores castigavam com palmatória, ajoelhar no milho, etc. Ele não castigava nunca. Ao contrário, ele estimulava colocar os mais atrasados perto

dos mais adiantados. Ele achava que os alunos desenvolviam um certo interesse em aprender mais que o coleguinha que sabia mais. Inclusive, no dia do exame do 4º ano, ele colocou os mais adiantados junto com os mais atrasados e disse: "Não tenham receio, vocês fazem a prova para eles". Tinha alunos de 15, 16 anos e outros de 10, como eu. Ele disse: "Vocês são filhos de operários, de trabalhadores, não adianta repeti-los. Aquele que quiser estudar vai estudar. Se realmente se dispuserem e sentirem a necessidade, vão estudar, só aí é que vão aprender". Esse é um ato que, hoje, considerando a pedagogia libertária, era algo totalmente fora dos padrões oficiais da escola. Outro exemplo é quando a Secretaria da Educação baixou uma portaria dizendo que as escolas teriam que ser uniformizadas. Às vezes íamos até descalços para a aula. Estabeleceram um uniforme e foi uma dificuldade para que todos da classe fossem de uniforme. Eu, por exemplo, fiz os meus três anos com uma calça que eu ganhei das minhas tias de Jundiaí, num casamento. Era calça branca e paletó azul. O paletó foi um que minha irmã cozinhou, feito de saco de estopa, e tingiu. Era com isso que eu ia à escola. Mas de qualquer maneira ia. Mas havia, por exemplo, alguns alunos que não tinham condições de comprar uma roupa nova. Era muito pobreza. Então, o próprio professor estimulou: "Vamos ajudar. Cada um dá o que pode". Conseguimos juntar, uns davam 20 réis, 100 réis (a moeda da época). Juntamos o dinheiro e compramos o uniforme. Fizeram uma espécie de concurso: a primeira classe que fosse toda com o uniforme completo naquele dia não teria aula e poderia brincar, jogar bola. Isso era para entusiasmar a meninada! Então nós ganhamos. E claro, jogamos bola. Mas quando íamos embora o professor disse: "Os outros – eram duas classes de 4º ano – não conseguiram, tiveram dificuldades e não vão nos acompanhar. Vamos todos juntos lá, formar uma comissão e falar com o diretor para liberar a outra classe, para virem brincar com a gente também". Solidário! Quer dizer, são atitudes que demonstram, pelo menos, um sentimento e uma prática em relação à pedagogia que contraria totalmente... Olha, você vai me desculpar, agora vou abrir um parênteses aqui: eu, por exemplo, falando da minha vida e das minhas experiências é que vou falando também de anarquismo.

Sim, claro. Na verdade parece que ambos se confundem...

Sim. Então, se você considerar o ensino hoje, o ensino oficial como ele é, e o mundo em que vivemos, numa sociedade extremamente competitiva onde se desenvolve desde a pré-infância a disputa, a concorrência, a lei de Gerson, de levar vantagem em tudo e que está presente em todas as escolas. Os pais estimulam as criancinhas, dão presentes para as professoras protegerem a sua criança... Isso desde a pré-infância, eu acompanhei inclusive na escola de sobrinhos. Vai estimulando na própria criança a corrupção, pois pensa que por ser pequena ela não percebe... Ela percebe e muito! Ela sabe que a professora tratou-a melhor, que deu uma nota mais alta porque ganhou um presente. São essas professorinhas que são meninas normalistas, que só tem 1º grau, ensinando crianças. Isso acontece, e à medida que os níveis vão se elevando, à medida que passa do primário para o secundário vai se aprofundando essa competição, porque é uma guerra, onde as pessoas disputam os primeiros

lugares, disputam as vantagens. Quando chega então num vestibular, o aluno está querendo que o colega morra, porque você imagina, 120 mil candidatos para 5 mil vagas... É uma proporção incrível o que fica de fora da universidade, mesmo se fazendo aquele esforço enorme para entrar. E depois que sai da universidade, claro, elas são preparadas para disputar dentro da sociedade, ter sucesso, o "Homem S", como chegaram a escrever nesses livros de auto-ajuda. Esses livros ensinam o quê? Ensinam a competir e não a cooperar, não a prática do apoio mútuo, de se ajudarem uns aos outros. Ensinam simplesmente a competir, pisando em cima de quem for, o que interessa é o sucesso, e como um dos valores que prevalecem é o chamado "em nome do progresso", é o dinheiro, e você vive hoje em dia em uma sociedade cuja moral que prevalece é o dinheiro. Quer dizer, quem tem mais é quem tem prioridade em todos os lugares. Eu cheguei a fazer uma palestra que o Maurício Tragtenberg me pediu, na Getúlio Vargas, uma das escolas mais elitistas do país. De lá é que saem esses gênios que fazem esses planos econômicos, todos os planos da época do Sarney¹. O próprio Bresser Pereira, que hoje é ministro de uma pasta que cuida da organização do ministério, dos funcionários e daquela coisa toda, foi aluno do Tragtenberg. O Maurício foi muito meu amigo, nós nos conhecemos desde mocinhos, desde 18 anos de idade, no Centro de Cultura Social. Mas por aí você vê essa competição toda que existe na escola, a diferença entre uma escola libertária, onde você procura imprimir a solidariedade, os alunos desenvolvendo uma consciência crítica, aprendendo a andar por si mesmos, de forma espontânea. Se você vir na prática, hoje mesmo, eu tenho uns livros de escolas que existem na Espanha, que se chama "Paidéia", as lições feitas pelos alunos... Os alunos fazem atas, fazem reuniões e crianças com sete, oito, 10 anos têm que escrever a ata: "Nós decidimos que tal brincadeira não é boa, porque pode machucar, então foram tantos votos contra tantos". Entende? Elas decidem tudo e vão desenvolvendo toda uma personalidade diferente. Dentro da escola oficial prevalece isso, é claro que no meio de tudo isso se encontram professores como esse meu professor, que ajudou a minha formação. Eu já me estendi muito nesse episódio. Vamos em frente... Quando nós viemos para São Paulo, eu fiz quatro anos em três e tirei o diploma, não deu para continuar os estudos. Formação escolar eu tenho apenas três anos de curso primário, nunca mais pisei dentro de uma escola para aprender.

Mas isso se deu primeiro por impossibilidade e não por opção...?

Por impossibilidade, tinha que trabalhar. Comecei a trabalhar numa fábrica eu não tinha nem 11 anos. Ainda fazia extra à beça, ficava até tarde da noite lá, trabalhando, entrava às sete horas da manhã. Até meu irmão ia me esperar para eu não voltar sozinho. O mais velho era três anos mais velho que eu, eu com 11 ele com 14, nessa faixa etária é muita diferença. Ele ia me esperar, mas às vezes ficava brincando com a turma e eu ia sozinho. Até faço alusão a ele num texto que criei para um book da peça de teatro que eles estão fazendo agora, que é uma peça anarquista. O autor me pediu para fazer um texto:

¹ José Sarney, por vacância do cargo, foi presidente do Brasil de 21 de abril de 1985 a 15 de março de 1990.

“Gostaria que você escrevesse um texto chamado ‘meu irmão Chico’”. Aí eu passei umas reminiscências desse período. Então, começar a trabalhar em fábrica não é brincadeira. Mas antes de falar da fábrica vou contar três episódios que me marcaram tremendamente:

Nós tínhamos mais ou menos sete anos. Naquela época se fazia muitos mutirões, os próprios trabalhadores construía suas casas. Tinha um tio que era pedreiro, outro era carpinteiro e eles se ajudavam, trabalhavam de domingo. Era claro que não se tirava planta, nem coisa nenhuma. Meus tios, por exemplo, tinham comprado um terreno, além de fazer duas casas (porque eles dividiram o próprio terreno), todo mundo junto, juntando todos os esforços... Um deles era pau para toda obra e os outros eram ajudantes. Eles fizeram uns quartos e construções meia-água (tipo de telhado que tem apenas um lado e sentido, sendo de fácil construção). Um dia se apresenta um fiscal da prefeitura e diz que tinha que derrubar tudo, porque não tinha planta, estava fora das normas da prefeitura, aquela coisa toda. Eu via que minha avó chorava muito. Meu tio tinha recebido o pagamento na véspera e minha avó era a grande administradora dos recursos da família. Eu, às vezes, uso de uma forma simbólica (mas não é tão simbólica assim), dizendo que as dificuldades eram tantas que dividíamos um ovo em três. Eu sei porque minha avó fazia uma tortelinha e dava um pedacinho para cada um; todo mundo comia de tudo que tinha, mas sempre aquela coisa certinha, uma dificuldade enorme. Ela, que administrava tudo, tinha entrado na compra do terreno e das casas, toda a economia ia pra lá. Bom, meu tio tinha recebido o pagamento (ele trabalhava em fábrica de calçado) e a minha avó – eu me lembro bem disso porque ela chorava muito – foi buscar o pagamento e deu o envelope fechado para o fiscal. E aí, é claro, ele foi embora, não teve que derrubar nada. Depois, nas conversas e choradeiras eu os ouvi falarem (e isso me marcou muito): “Puxa, um homem do governo veio aí e simplesmente leva o dinheiro... Ele dizia que tinha riscos, que a casa oferecia perigo; mas ele recebeu o dinheiro e acabaram os riscos...”. Este foi um episódio incrível. Depois, quando fui trabalhar com 11 anos dentro de uma fábrica aconteceu outra coisa curiosa: aparecia o fiscal do Ministério do Trabalho lá pelas calendas, e nós, as crianças, menores de 11 anos tínhamos que subir num forno... Não adiantou nada, a lei é feita para não cumprir, só no Brasil existem mais de 4 milhões de crianças menores de 12 anos em trabalhos pesados, difíceis, principalmente na zona rural e mesmo em muitas fábricas. Nós tínhamos uma lojinha lá no Pari e ao lado tinha uma dessas fábricas que empregavam crianças, o sujeito usava cada expediente lá para explorar as crianças... Mas então, a primeira fábrica que eu trabalhei era de brinquedos, mas meus tios trabalhavam em outra e resolveram me levar com eles, numa fábrica de sapatos, onde comecei a aprender e que foi meu trabalho até a idade de adulto. Ali trabalhei muitos anos como operário de fábrica de calçados. Quando completei os 14 anos, na idade de tirar a carteira de menor, o dono da fábrica disse para eu tirar. Imagina: a delegacia regional do trabalho funcionava onde hoje é a prefeitura no Parque Dom Pedro, no Palácio 9 de Julho. Foi a Erundina² que transferiu a prefeitura pra lá... essa época era 1941, o sujeito que ia fazer a minha carteira

² Luiza Erundina, ex-prefeita da cidade de São Paulo

pediu uma ficha datiloscópica de uma criança, que demorava 10 dias. Era uma norma do ministério. O sujeito começa a sujar meus dedos para tirar a ficha e diz: "Você me dá um dinheirinho que eu faço uma ficha boa, aí evita você voltar aqui". Eu só tinha o dinheiro da condução e eu morava no alto da Mooca. E aquilo tudo começou a marcar... Quando atingi a idade de ter que fazer inscrição militar, juntou toda a rapaziada lá, você vê isso até hoje. O movimento punk tem uma atitude tremendamente hostil contra o exército muito em função disto. Eu cheguei a ver policiais forçarem rapazes a descer de ônibus e, claro, eles não têm carteira assinada porque não pode. Ninguém contrata os rapazes nessa idade, tem uma lei que foi imposta pelo exército que uma vez atingida essa época de se inscrever, um ano antes até e até saber se é engajado ou não, ele não pode ser demitido, tem estabilidade com direito a todos os aumentos de salários e benefícios que poderiam vir. Em face disso, o que fazem as empresas? Elas simplesmente demitem. Por isso é que é difícil arrumar emprego, só arruma sem registro. Mas eu fui fazer minhas inscrição e o tenente-médico que examinou a gente falou no alto-falante: "Todo mundo nu", mas ele me viu de óculos (uso desde os nove anos) e disse: "Menos você, me deixa ver esses óculos... Você sem isso não enxerga nem o fuzil quanto mais o alvo. Está dispensado". Ele deu um protocolo e mandou para o serviço burocrático do quartel. Isso foi também no Parque Dom Pedro, ainda tem o quartel lá. "Você vai receber o certificado de isenção do serviço militar", um certificado que não precisa da carteira de reservista, que antes era uma exigência muito grande. Hoje estão se dando fenômenos curiosos, mais de 200 mil rapazes se recusaram a ser engajados em 1996, o exército não sabe o que fazer, porque antigamente ia preso. O exército não pode assimilar um contingente que corresponde a todos que chegam a essa idade (18 anos). Tem anos que tem um excesso de contingente e dispensam muita gente por isso ou por causa de aptidões, o sujeito tem que dizer o que faz, se está estudando, se já tem o grau secundário completo. Vão preferindo sempre certos tipos de pessoas para fazer o serviço militar. Então me dispensaram e fui embora. Tinha que buscar o certificado depois de um certo tempo. E cada vez que eu ia lá não estava pronto, e ia de novo e não estava pronto. Várias vezes eu perdia um dia de trabalho que era tremendamente oneroso para mim. Um dia eu chego no quartel e tinha um soldado com a cabeça raspada, careca, varrendo o pátio... Quando eu estava saindo ele me chamou e disse que tinha me visto muitas vezes ir e vir e que enquanto eu não desse dinheiro eles não dariam o certificado. Aí eu pensei: "Pó, até aqui!". Digo essas coisas para dizer depois porque sou um anarquista tão convicto. Eu também comecei cedo dentro do anarquismo... Lembro-me que tinha 10 mil réis, que não valia nada na época. Aí ele aceitou, pegou aquela notinha foi lá dentro, voltou e disse: "É, consegui quebrar seu galho". E me deu o certificado.

São essas coisas que marcaram muito. Depois tive muitas experiências com autoridade, repartições públicas, etc.

Para o Leon Tolstoi, que tem um livrinho que se chama Escravidão Moderna publicado em 1900, no Brasil, ele diz coisas incríveis... Tem um livro dele publicado há algum tempo por uma editora da Igreja, O Reino de Deus Está em Vós (2ª edição, 1994, Editora Rosa dos Tempos). Tolstoi foi excomungado

da Igreja e combatia muito o Estado e a religião da época. Foi ele quem criou o anarquismo cristão, onde valoriza Cristo e tal. Mas ele chegou a dizer: "Bastou ser funcionário do Estado para ter um componente de corrupção". Desde o varredor até o presidente da República. Nós tínhamos a lojinha e tinha um ponto de ônibus em frente. O ônibus ia parando e ia afundando, quebrava o asfalto. De manhã chegou a equipe da prefeitura para consertar, e antes de começar entraram na loja e falaram: "Nós vamos fazer o serviço de reparo. O senhor dá uma grana boa para a gente e nós fazemos um bom serviço". Sabe o que eu respondi? "Você quer deixar assim? Afunda mais ainda o buraco, pois eu não vou te dar nada. Você ganha para isso. Se você acha que ganha pouco, porque não faz um movimento reivindicando aumento de salário?". O cara ficou furioso, foi lá e jogou uma pasta de piche no buraco. Você observa isso em todo lugar. Todos que ocupam um cargo público têm um componente de corrupção. Tanto que existe essa expressão, curiosamente de um bispo, dito num diálogo entre Lord Acton, na universidade de Cambridge, há muito tempo com um bispo, sobre o problema da corrupção. Ele chega a dizer: "Nós temos que considerar que todos os sujeitos que ocupam cargos de poder, desde o rei, todos são corruptos, então chegamos à conclusão de que o poder corrompe, e o poder absoluto corrompe de forma absoluta". Esta foi uma citação de Herbert Read, no livro Anarquia e Ordem. Ele foi um grande crítico de arte, mas foi também um extraordinário anarquista. Pela projeção dele no campo da arte na Inglaterra ele chegou a receber o título de "Sir". "Sir" Herbert Read, que é o primeiro título de nobreza inglesa, a rainha deu o título a ele. Imagina, requeantar aquelas festas da nobreza inglesa, condessas, condes, etc. Não faz tanto tempo que Rebert Read faleceu...

Quando eu tinha mais ou menos 12 anos fiquei muito doente, até fiz uma cirurgia. Eu brincava aos domingos, jogava bola com uma família que morava nos fundos do nosso quintal. O menino que brincava comigo hoje é meu cunhado e o pai dele era anarquista, trouxe muitos livros da Espanha. Ele começou a me visitar e começamos a conversar. Então ali comecei a deixar a religião e minha avó ficou com medo que me recusassem no grupo escolar, pois tinha aula de religião. Tinha que preencher o item religião da ficha: "Católica". Esse meu cunhado foi registrado, no mesmo colégio, pelo pai dele como "livre pensador". Claro, ele era anarquista. Eu tinha muito forte aquela coisa de religião quando era menino, e com aqueles diálogos, aquela coisa toda, ele acabou mudando minha cabeça. Aí começou a me emprestar livros e tal, e o tempo foi passando. Quando eu tinha uns 15 anos nós resolvemos (eu e meu cunhado) estudar anarquismo juntos, a fazer leituras comentadas. O irmão dele também era sapateiro e trabalhava na banquinha de sapateiro. Eu saía da fábrica e ia o mais rápido possível para casa, jantava e ia para a casa dele. Tinha um quatinho onde ele trabalhava, no fundo do quintal, e ali nós ficávamos lendo. Lia um pouco cada um comentando a leitura. Eu me lembro, aliás uma coisa que tenho citado em vários lugares, era o livro Manolín³, edição de 1910. É a história de uma utopia realizada, de uma sociedade que camponeses formaram na Espanha. Havia muitos livros de propaganda na Espanha. Este livro justamente descreve uma comunidade anarquista e como

³ Manolín – Leyenda Popular de Estéban Beltrán Morales, 4ª ed. – 1910, Espanha

eles vão resolvendo todos os problemas da produção, e como eles vão se libertando dos exploradores, dos patrões. Vão comprando as terras e aumentando a comunidade. Uma luta, uma prática direta das idéias, criava-se naquela época uma sociedade libertária. Praticamente, comecei a entrar no anarquismo por aí. O pai do meu cunhado tinha trazido da Espanha uma biblioteca. É uma coisa curiosa, no começo do século todos os militantes do movimento faziam sua pequena biblioteca em casa, tinham seus livros, colecionavam seus jornais, revistas. Tanto que um acervo hoje me veio desses companheiros, famílias que não queriam mais, eu acabei juntando tudo. Até estamos organizando, com o tempo é claro, um projeto de criar um grande centro de documentação libertária. Você não pode tornar muito publico porque está sujeito a muitas "tempestades". Juntar esses livros, que são obras raríssimas, algumas até do século passado, exemplares únicos.

Daí então começamos a estudar. José Lemos, o pai do meu cunhado, era muito anticlerical. Meu cunhado chamava-se Liberto Lemos. Era muito usual dos anarquistas no começo do século colocar nomes com um sentido mais libertário, para evitar colocar nomes bíblicos ou cristãos. Depois fomos morar num terreno, numa casa pequena, que meus irmãos acabaram comprando para minha mãe e depois tinha que continuar a pagar as prestações. Veio a idéia de convidar outros rapazes e meninas e acabamos criando o que pomposamente chamamos de "Centro Juvenil de Estudos Sociais". Líamos muitos livros anticlericais, como a Religião ao Alcance de Todos, uma análise profunda e crítica da Igreja Católica. Numa ocasião me pediram para fazer uma palestra num colégio de freiras, e uma das meninas perguntou para a madre-superiora se poderia perguntar qual era a posição do anarquismo face à religião. Eu estava contornando a situação, falando somente de anarquismo. Isso deu chance para eu falar à vontade. Comecei falando a respeito do sentimento religioso que pode ser inerente a qualquer pessoa, aquela espécie de anseio ao transcendente, procurando respostas para aquelas questões ainda sem respostas. Depois falei da Igreja, da instituição. E quando eu ia malhando a Igreja, a madre ia balançando a cabeça, aprovando. Pois você vê, era o pessoal da teologia da libertação. Chegaram a me convidar para fazer palestras em conventos, tinha uns 22 padres, dois monsenhores e umas freiras. Eu cheguei lá oito horas da manhã e ficamos até uma hora da tarde, parecia uma reunião subversiva mesmo. E era tudo no sentido político, da sociedade, da religião... Porque eles tinham feito uma entrevista comigo, e publicavam uma revista (acho que ainda publicam) chamada Migrações, e dentro daquele esquema acabaram me convidando para fazer palestras. Eu não tenho escrúpulos não, dando espaço, a gente fala. Lendo os livros do meu cunhado eu aprendi espanhol, porque lendo acaba aprendendo, a tal ponto que eu fui para a Espanha em 1992 naquele encontro internacional de anarquismo, onde eu falei sobre anarco-sindicalismo, e entreguei um texto para publicação em espanhol, que não precisou mudar uma vírgula. Quer dizer, eu não estava tão mal assim...

Então, a partir daquelas leituras...

Aí já começa a formar a cabeça. Por isso que depois nós resolvemos fundar

este "Centro Juvenil de Estudos Sociais", já com idéias críticas bem libertárias, anarquistas. Porque, por exemplo, o pai do meu cunhado chegou a construir no fundo do quintal uma cobertura para um dos maiores militantes do Brasil, o Florentino de Carvalho (tem até teses sobre ele) fundar uma escola dentro daquelas escolas racionalistas que os anarquistas faziam em qualquer canto. Eles tinham já um certo envolvimento com o anarquismo... Quando nos reunimos juntamos mais ou menos 18 pessoas entre moças e rapazes. Até o pessoal brincava com a gente, dizendo que nós estávamos a fim é de paquera, que não estava a fim de estudar.

Mas na verdade a paquera não estava desvinculada disso tudo, né?

Tanto não estava que de lá saíram vários casamentos. O meu com a Maria, inclusive. O meu cunhado Liberto casou com minha irmã gêmea Aurora. Um outro primo dele também chamado Liberto casou com minha irmã mais nova. O meu irmão também casou lá. Houve uma série de casamentos. Teve um caso que foi curioso: o sujeito era noivo já e depois das nossas reuniões ele desistiu de querer casar na Igreja e a moça não queria aceitar de jeito nenhum e acabaram rompendo. Acabou um casamento mas saíram muitos. Esse grupo se desenvolveu e nós fomos assim... aí um militante do Centro de Cultura Social que conhecia os pais da moça que depois casou com meu irmão nos descobriu e contou para o pessoal do Centro. Cai Getúlio Vargas⁴ e no mesmo mês o Centro reabre, no dia 2 de junho de 1945.

E quando o CCS foi fundado?

Em 1933. Porque a coisa se desenvolveu assim: nos descobriram e depois apareceram lá, nas reuniões que fazíamos... Um episódio curioso que surgiu ali foi o de uma moça que era colega da minha irmã, trabalhava com ela na fábrica e era muito católica. Quando viu as reuniões passou a freqüentá-las, mas quando abordamos o anticatolicismo, ela discordava e contou para o padre da Igreja que freqüentava. Ela perguntou: "Posso trazer o padre para conversar com vocês?". Respondemos: "Claro, não tem dúvida". E que discussão com o padre... Eu, pessoalmente, durante alguns anos tive uma inquietação muito grande em relação à religião. Por isso eu passei a estudar mais um pouco. De fato acho um aspecto importantíssimo dentro do ser humano, este apelo ao transcendente e a facilidade com que ele abdica do próprio raciocínio para se apegar a determinados dogmas. Inclusive, ultimamente, tenho estudado religião, mesmo para compreender o que está acontecendo no mundo. Você vê que nós estamos retrocedendo séculos no Oriente Médio, em todos os lugares, com esses fundamentalismos que estão tomando conta de todos os setores, até mesmo dentro da Igreja católica, com a corrente carismática. São coisas da própria natureza humana que merecem ser consideradas, saber porque isso acontece. Se você considerar o que se

⁴ Getúlio Dornelles Vargas, ditador brasileiro que tomou o poder em 3 de novembro de 1930. Em 10 de novembro de 1937, decretou o Estado Novo que ampliou ainda mais seu poder totalitário, até 29 de outubro de 1945, quando renunciou a seu cargo. Posteriormente, voltou ao poder. Desta vez, eleito diretamente pelo próprio povo brasileiro, em 31 de janeiro de 1951. Suicidou-se em 24 de agosto de 1954.

pensava no final do século passado, o que eles pensavam era que dentro de 100 anos acabaria a religião como instituição... O problema da força da religião é que por trás delas estão quase sempre focos de guerra, pelo menos no Oriente Médio, Inglaterra... Você vê o terrorismo, são duas religiões que estão se digladiando. É um assunto muito sério, que demanda muito tempo para se aprofundar.

Então, o conhecido dos pais da esposa do meu irmão foi visitar a gente, e deve ter pensado: "Pô, este é um grupo que caiu do céu". Como ele pertencia ao CCS, comunicou ao pessoal de lá e um belo dia apareceram lá as "vacas sagradas" do anarquismo: Edgard Leuenroth, Rodolfo Felipe (que também foi editor d' A Plebe) e Pedro Catalo. Eles começaram a assistir as reuniões. O primeiro casamento que se deu lá (meu cunhado Alberto com minha irmã Aurora), claro, foi um casamento totalmente leigo. Eu na época tinha 18 anos e cismeiei que ia fazer um discurso sobre amor livre. Preparei um pequeno discurso e quando todos estavam reunidos, festejando com amigos e parentes, eu disse que queria falar algumas palavras. Então comecei a soltar o verbo. Nisso ouvi o Edgard Leuenroth dizer para o Pedro Catalo: "Puxa vida, nós que sempre temos sentido a dificuldade de tocar nesses assuntos, para não melindrar pessoas que são religiosas (principalmente em festas de casamento), e vem um menino aí e dá uma lição". Falei que o documento não representava nada, que o verdadeiro vínculo está no coração, as provas eram os casamentos infelizes... Não me lembro bem agora do teor todo, sei que aquilo nos rendeu um convite para visitarmos o Centro de Cultura. Aí marcamos um sábado e fomos. O Centro funcionava na rua José Bonifácio, no centro da cidade. A freqüência de pessoas naquela época era grande, 80, 100 pessoas por sábado. Quando nós fomos entrando o pessoal ficou olhando, parecia que tinham visto um elefante branco. E naquele dia eles iam fazer uma assembléia que ia discutir a nomeação da comissão de gestão do Centro. O Centro não tem presidente, tem essa comissão de gestão onde tem um secretário geral que representa o Centro, porque pela lei tem que registrar o Centro para que ele tenha uma atividade pública, aberta, caso contrário ele é clandestino. Há exigência de ter alguém responsável, normalmente um presidente, pode ver que quase toda sociedade, toda entidade por aí tem um presidente, e no Centro era um secretário geral, o secretário que representava o Centro junto às autoridades, se precisar de alvará, resolver questões burocráticas... Além do secretário geral tinha o bibliotecário... Era uma comissão de seis pessoas e alguns conselheiros, tanto que depois reduzimos isso, era muita gente. O Edgard que tinha essa mania. Ele fazia muito estatuto... Ele está muito ligado à minha vida dentro da militância... Já naquela assembléia o Edgard me propõe para secretário do Centro. Eu disse que não tinha condições, que não era capaz. "Não, você tem. Os outros ajudam...". E falaram, falaram e o resultado foi que acabei virando secretário. Fui secretário quase que permanente do Centro porque em toda a reunião para a escolha do novo secretário eu era sempre reconduzido, isso até 1954, quando me mudei para o Rio de Janeiro. Assim foi minha "entrada" no anarquismo.

O Centro foi o espaço onde estudei, obtive muito apoio. No Centro de Cultura

passou a freqüentar, já em 45, um filósofo muito importante, o Mário Ferreira dos Santos. E todos os sábados à noite havia as conferências. Lotava tanto que o pessoal quando estava indo falava: "Vamos logo senão não vamos pegar lugar para sentar...". E o Mário Santos, depois que começou a freqüentar fez uma palestra para nós, a tal ponto que passado um tempo nós não nos preocupávamos em arrumar conferencistas (procurávamos, é claro, alternar). Mas ele chegava lá e sempre que não tinha ninguém para falar, púnhamos o Mário. Ele sentava-se a mesa e perguntava: "Sobre o que vocês querem que eu fale?". O pessoal escolhia um tema e ele discorria. Ele tinha uma capacidade fantástica, a pessoa mais culta que eu conheci em toda a minha vida (olha que eu conheci reitores de universidades, escritores, muita gente), nunca vi uma cultura e uma capacidade tão grande como a do Mário para expor idéias de um modo tão profundo. Ele falava como se estivesse lendo um texto super elaborado, tanto que eu tenho um livro dele em que aproveitou as palestras que dava na casa dele. Ele acabou me convidando para ir aos cursos dele. Eu não tinha dinheiro para pagar e ele vivia de dar cursos. Depois fundou uma editora. Você já pensou em vender mais de 2 milhões de livros de filosofia na década de 50? Foi ele que bolou esse negócio de vender as coleções muito bem encadernadas, bonitas, para esse pessoal que compra livros e mete para enfeitar paredes. Então ele vendeu muito mas nessas condições, ele tinha os vendedores que iam vender nas casas. O Mário Santos, dentro da minha formação, foi fundamental, foi meu grande guru. Assistia às palestras dele e ficava até de madrugada lendo seus livros.

Muitas pessoas lêem obras anarquistas, têm contato com as idéias anarquistas mas não as incorporam. Gostaríamos que você expusesse o que o levou a abraçar o anarquismo, o sentimento que o levou a tomar essa atitude.

Por isso que contei esses episódios marcantes da minha infância e juventude. Então quando eu comecei a estudar o anarquismo, aquela proposta de uma sociedade de igualdade, de justiça, eu me empolguei: "É por aqui mesmo!". Eu cheguei a ir, quando caiu o Getúlio e os partidos começaram a se organizar, numa célula comunista que existia perto de casa, me convidaram para ir a uma reunião. Eu assisti uma só daquela célula que ficava na Mooca. Bastou uma. Depois peguei o estatuto do partido e o que me fez dizer "nunca mais volto lá" foi o famoso artigo 13, que depois eles tiraram. O artigo 13 do partido comunista naquela época proibia que o membro do partido tivesse relações com qualquer pessoa, mesmo que fossem parentes próximos, que se opusessem às idéias do partido. O que é isso? Se meu irmão pensa de outra maneira não posso falar com ele? Nunca mais apareci naquela célula comunista. Quando encontro o anarquismo através daquelas leituras (por isso que Manolín tem uma influência, porque é uma leitura simples, chamam até de "lenda popular"), aquilo tudo ficou dentro de mim. Lembro-me que escrevi um texto aos 12 anos e mostrei a um amiguinho que disse: "Pó, você é contra tudo, quer acabar com o mundo, você é contra o governo, a religião, contra isso, contra aquilo...". Eu me sentia revoltado contra todas as injustiças que eu tinha visto. Daí depois tive a vivência com os outros militantes, lá no Centro. A

própria responsabilidade de passar a secretariar, logo de início, o Centro dava-me uma certa responsabilidade, um envolvimento, um compromisso. Eu tenho um texto sobre ética anarquista mostrando mais ou menos esse aspecto: quando o sujeito assume um compromisso deve procurar cumprir. Para mim é fundamentalmente um problema ético. O sujeito se vê em face de um mundo tremendamente injusto, cheio de contradições. Ele se revolta contra aquilo, se insurge. Se ele encontra companheiros que pensam como ele, passa a assumir uma espécie de compromisso com os outros para lutar contra isso, e depois, é claro, existem fatores, como tudo dentro da filosofia (eu estudei com o Mário)... Como o que chamamos de emergente e predisponente. Existem fatores que são emergentes dentro das pessoas. Tem gente que vive a vida inteira no meio anarquista e não é anarquista ou o contrário. São fatores que também têm a sua influência. E a predisponência é você encontrar campos para atualizar esses valores emergentes, isso que você tem, que já é da sua natureza, são subjetivos. Você tem aquilo e encontra meios onde pode atualizar. Tem dois outros termos em filosofia: atualizar e virtualizar. Você inibe, esconde aquilo que não te interessa e você atualiza, ou seja, traz ao campo da consciência e da ação aquilo que mais te interessa. Eu sempre pensava que era muito difícil. Como é que grupos reduzidos podem mudar esse mundo do jeito que tem o exército, forças tão poderosas... Eu sempre pensei muito sobre isso. Mas ao mesmo tempo eu me sentia, dentro daquele meio e fazendo as coisas com tal entusiasmo, que então eu comecei a ter uma conceituação do "ser anarquista". No fundo, o anarquismo é isso também. Essa idéia de que você tem que derrubar o Estado, fazer uma revolução e impor um negócio direto é muito difícil. Esse conceito, que era do começo do século, de os anarquistas organizarem uma força armada para se contrapor à força do Estado e dar um golpe para derrubar o governo e organizar a sociedade sem Estado, essa idéia de revolução, isso que para mim é utopia, até certo ponto. Porque não existe revolução feita em gabinete, não existe uma engenharia de revolução, não existem técnicos de revolução que vão se organizar e fazer a revolução, só existe algo nesse aspecto quando é para tomar o poder, mas para destruir o poder não existe essa condição.

Numa entrevista no jornal Libertárias você fez uma afirmação: "A violência, como revolução social, não adianta".

Não resolve. Você encontra o oposto.

Por vias violentas não se consegue a revolução?

Não porque você vai passar a usar de uma autoridade constituída numa força, se você pode impor violentamente uma coisa já se tem um poder. E todo poder, em qualquer instância, em qualquer esfera, em qualquer nível que ele se dá dentro de todo contexto social, seja numa escola, num sindicato, onde for, ele corrompe. As pessoas que detém o poder almejam, em primeiro lugar, manter o poder. Em segundo lugar expandir esse poder. Porque de uma maneira ou de outra, de forma muito sutil ou aberta sempre traz benefícios em relação aos outros. Mesmo que for só no aspecto moral, de prestígio. Agora, você usar a violência para se defender da violência, sim. Quanto a isso não há

dúvida, é legítimo. Em determinadas circunstâncias você é obrigado a usar de violência. Numa ocasião, num debate lá no Centro de Cultura, chegou a se discutir esse problema da violência, dos movimentos armados, quando veio a "redentora"⁵. Nós, conscientemente, resolvemos não nos envolver na luta armada. Ali não adiantava devido a várias circunstâncias. Nesse dia eu cheguei a dizer: "O ser humano, considerando o homem ético, ele poderá enfrentar situações em que ele não pode se recusar a um ato de violência, a não ser que ele frustrar a sua própria ética". Porque eu colocava isso? Há circunstâncias em que somente um ato de violência pode fazer com que se salve. Do contrário ou você é um covarde, ou é conivente com uma injustiça. Se você vê uma criança sendo assassinada... Se você se omite, está sendo cúmplice. Aí você usa de violência. E você leva isso para o coletivo. Há momentos em que você vê verdadeiros massacres, as forças que se impõem com armas, aí você só pode se defender com violência, a não ser que você seja preso, imobilizado, algo que te impeça de agir. Eu acho que a ação violenta ela é só em circunstâncias extremas. Agora, com todo o rigor do sentido de extrema. Até lá tem muita coisa.

No caso de uma revolução. Não seria a própria revolução que legitimaria a violência para se atingir tal fim?

Aí já não se trata propriamente de violência. Tem um livro do Eliséu Reclus, que foi um dos grandes teóricos do anarquismo e foi considerado um dos maiores geógrafos do mundo, que se chama Evolução e Revolução – O Ideal Anarquista, um livro monumental. Ele como geógrafo estudou bastante a evolução da própria natureza, e ele traça um paralelo. Uma revolução, dentro das sociedades humanas, começa a se gerir de uma forma subterrânea, a não ser aquela revolução para tomar o poder. Ela vai surgindo e se formando até que ela explode. Ele compara a uma corrente de água que de repente se opõem a um obstáculo e começa a acumular e acumular até que chega um momento em que a água rompe a barreira e vai embora. Eu acho importante, após estudar muito esses aspectos, embora todos achassem que naquela época era preciso preparar uma força e partir para a revolução e atos revolucionários... É claro que há muitas formas de resistência, depende das circunstâncias, é preciso recorrer à violência. Ter um plano para mudar a sociedade e preparar a revolução... já se fez muito isso, inclusive no Brasil. Aquela insurreição anarquista no Rio de Janeiro em que eles queriam derrubar o governo e tomar as armas. Muitas vezes e em muitos lugares isso aconteceu, mas hoje não. O mundo evoluiu, as coisas mudam. O que é o anarquismo hoje? O anarquismo é um conjunto de idéias e princípios, cujos postulados básicos são convergentes. Existem muitos "anarquismos", mas há um sentido comum de criar uma sociedade livre e igualitária. Nessas duas palavras você tem tudo o que se pode pensar de uma sociedade socialista libertária. Liberdade e Igualdade. Não existe liberdade sem igualdade e não existe igualdade sem liberdade. Isso aí é do próprio Bakunin. Para você atingir uma sociedade dessas tem-se n caminhos que você vai trilhando, lutando

⁵ Alusão ao movimento que implantou a ditadura militar brasileira, no dia 1º de abril de 1964, que se auto-intitulava de "revolução redentora".

contra a injustiça. O movimento vai se fortalecendo, vai aumentando, como já chegou a ser grande movimento de massa. Se num momento desses as circunstâncias levam a uma revolução, aí os anarquistas podem se apresentar e levar as propostas anarquistas de organização. Como aconteceu na experiência da revolução russa na Ucrânia, como aconteceu na Espanha durante a guerra civil. Depois eles foram para a violência também, porque organizaram as milícias para resistir com luta armada. Mas o que levou aquele povo, num determinado momento, a dizer: "Pô! Uma vez que nós estamos lutando contra a tirania, porque não partimos logo para organizar a nova sociedade?". E passaram a fazer as coletividades na Catalunha, a autogestão nas fábricas, nos serviços públicos em Barcelona e em outras cidades. Uma experiência fantástica.

Depois da revolução espanhola ninguém pode dizer que o anarquismo é inexecutável, que ele não é factível, que ele não pode ser levado à prática. Ele foi praticado e com resultados que superaram todas as condições de sociedade, da forma de organização social e sistemas políticos. Eles chegaram a melhorar a produção de alimentos, uma série de coisas avançaram, que depois foram massacradas por forças externas e pela sabotagem dos próprios comunistas dentro da Espanha. Aquele general, Enrique Líster, que comandou um exército que era republicano e chegou a destruir as coletividades, massacrar o povo, entregar as terras que eram coletivizadas para os fascistas. Preferia que ficasse com o Franco ao invés do povo. Isso os comunistas fizeram na Espanha. A guerra civil tem tanta história...

Mas o que eu penso é isso. Uma organização pode se chegar num dado momento e ela se impor realmente. Mas você não vai esperar que aconteça isso. Você começa a criar, aqui e agora, no teu cotidiano, na tua casa, nas rodas de amigos, práticas de novas formas de relações sociais não-autoritárias. Eu acho que hoje a nossa grande luta é uma luta anti-autoritária, contra o autoritarismo, a começar por si mesmo. Você tem que ter consciência do que você é para tentar evitar ser autoritário. Hoje um militante tem que ter conhecimento, tem que estudar. Ter um sólido conhecimento do passado para conhecer os erros e o que já se fez, como tantas traições devido a alianças que acabaram por causa dos trotskistas, dos comunistas. O caso da Rússia: os anarquistas se encontraram de cabeça na revolução, eram socialistas revolucionários. Porra, foram os primeiros que o Lênin e o Trotski mandaram passar nas armas, fazer desaparecer. São verdadeiras traições. O caso do Nestor Makhno e da makhnovtchina, que foi um grande responsável pela vitória da revolução russa em face das tropas legalistas e das tropas invasoras que apoiavam o governo do czar, contrapondo-se à revolução. Através da guerrilha em toda Ucrânia conseguiram grandes vitórias. Mas depois que estava mais ou menos consolidado o poder do Trotski, numa verdadeira traição, chega lá e cai de pau, massacrando todo mundo. Eles tinham feito um acordo e não foi cumprido. Os companheiros tentaram salvar Makhno de uma maneira até romanesca, conseguiram que ele fugisse e se refugiasse na França. Eu conheci pessoas que faziam parte do grupo onde o Makhno atuou em Paris.

Você se pergunta às vezes: "O que faz a pessoa aderir a uma ideologia?". Eu

digo, há fatores emergentes, que estão dentro do sujeito, ele tem um sentimento de justiça, de generosidade, de solidariedade. Depois ele encontra essas idéias, é claro que ele adere. Alguns aderem de maneira muito mais forte do que os outros. Alguns acabam abandonando por questões particulares, etc. Muita gente toma o meu caso como exemplo. Eu sou anarquista desde, praticamente, os 12 anos. Aos 15, quando a gente estava fazendo aqueles estudos, já era uma prática libertária. Hoje eu tenho 70! E quando eu fui convidado a ir ao Jô Soares⁶ e falei que era anarquista há 50 anos, eles ficaram espantados. Mas já era mais de 50. O Edgard Leuenroth que morreu com 86 anos, era desde menino, toda a vida... Só para contar um episódio, até sentimental, ligado à ele: eu fui visitar o Edgard no hospital, quando ele estava muito ruim mesmo, tanto que ele entrou em coma naquela noite e no dia seguinte estava morto. Nós conversamos e no leito de morte, a cama estava cheia de papéis. Ele estava organizando um livro de hinos e poesias revolucionárias, tanto que esse livro acabou indo para o arquivo da Unicamp e nem sei onde foi parar, nem chegou a ser publicado. Mas você vê, até as ultimas horas de vida ele estava lá trabalhando. Isso desde menino. Uma coerência incrível. É claro, não é todo mundo que tem essa coerência.

O fato de você aderir a um ideal e ser um militante coerente durante toda vida, você pode ser impossibilitado de fazer mais ou fazer menos coisas, mas você não abdica desses ideais. Você não repudia, se for impossibilitado, por vários motivos, de atuar. Porque se você for pensar o que é o anarquismo hoje, você vê que ele tem núcleos de militantes que constituem movimentos específicos do anarquismo, que dão diretrizes para uma série de iniciativas. Por que o Centro de Cultura tem CGC⁷ e é registrado? Porque é uma instância que você não pode de jeito nenhum atuar, a não ser correndo o risco de ser preso. Você não teria a liberdade de receber pessoas publicamente e fazer os debates que se faz ali. Se você lança um jornal é obrigado a registrar. São iniciativas libertárias do movimento, mas que não é o movimento específico. Ninguém vai pedir licença ao governo para combatê-lo. O anarquismo é, pela sua própria essência, um movimento clandestino. Todo mundo sabe que existe, sabe onde eu estou. É como quando você joga uma pedra num lago e se faz aquele círculo em expansão. Existe um movimento grande que você pode chamar de meio anarquista, mas na maioria não são militantes, participam, colaboram, são simpatizantes. Existem muitos. As pessoas falam: "Não tem anarquistas importantes no mundo!". Porra, Octavio Paz não é um cara importante? Prêmio Nobel de literatura e é anarquista. Eu vi ele dizer na televisão que só o anarquismo é o caminho da humanidade. Tem um monte de gente... Rachel de Queiroz⁸ se declarou anarquista. Uma vez fizemos um evento, "Outros 500", convidamos um velhinho da universidade Del Plata de Buenos Aires, que morreu logo depois, o José Maria. Ele tinha um núcleo anarquista em que o Ernesto Salvatore, um dos maiores escritores da América Latina, que veio a

⁶ Programa de televisão, em rede nacional, composto por entrevistas.

⁷ Cadastro Geral de Contribuintes, documento estatal brasileiro que controla o pagamento de impostos.

⁸ Já vimos a própria Rachel de Queiroz dizendo-se trotskista, pelo menos ao referir-se à sua juventude, quando era filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCB), fica aqui a questão levantada...

São Paulo fazer uma exposição de pintura, atuava. Nomes de projeção mundial e que são anarquistas. Agora, é diferente do sujeito que está engajado em ações, atuando, envolvido diretamente, que assiste às reuniões, que assume cargos... Isso é diferente. No encontro de Barcelona, passaram, durante os 10 dias em que estivemos lá, 14 mil pessoas que deixaram sua presença registrada. Gente do mundo todo. Havia muitos intelectuais importantes, que não estão engajados em uma organização específica anarquista. A organização se dá em nível federativo, porque o princípio federativo é básico do anarquismo. Você cria os grupos, que criam as federações locais, depois as regionais e as nacionais (que esse problema de "nacional" no anarquismo não existe) e as internacionais. Tem a FIFA, Federação Internacional de Federações Anarquistas. Tem uma organização a nível mundial que atua, promove os congressos, encontros, análises.

Nós estamos vivendo uma realidade em que a revolução industrial, por exemplo, não foi nada perto dessa revolução tecnológica em que vivemos agora nessa virada de século. Há toda uma mudança veloz se dando, tanto que é uma incógnita. Todo mundo pára para pensar o que vai ser o mundo daqui um ano, dois três... Tem gente que pensa que o anarquista está fora, é alienado. Os anarquistas têm feito encontros com nomes expressivos e com técnicos da indústria, para estudar a conjuntura atual, o que se pode fazer. É claro que há toda uma tradição de uma prática de propaganda para atrair adeptos, através de publicações. Por que se lança uma revista? Não é por lançar. Às vezes as pessoas se identificam com aquela revista, aí vão nos procurar, podem aumentar nosso contingente. No Brasil, inclusive, nós fizemos várias tentativas, ultimamente, de criar a Federação Anarquista do Brasil...

As ditaduras acabam com o movimento. Após a redentora, da nossa geração, sobraram muito poucos, houve um hiato, um verdadeiro abismo entre as novas gerações e a velha. Tanto que hoje o anarquismo vem ressurgindo com grupos de jovens, sem nenhum vínculo com o anarquismo tradicional. Surgem espontaneamente, quase como cogumelos. Tem centenas de grupos, na área estudantil... O movimento operário já mudou, dizem até que vai desaparecer. E mesmo assim ainda hoje o anarquista mantém a AIT, a Associação Internacional dos Trabalhadores, com federações de muitos países filiados, eu participei de algumas reuniões lá na Espanha. Há muita lenha pra queimar ainda no movimento operário. Há ainda muita injustiça, muita exploração no mundo, não é nenhum paraíso, não. Eu fiz uma palestra no dia 1º de maio lá em Santos⁹ e eu procurei colher dados bem atuais da OIT, Organização Internacional do Trabalho, onde eles mostram que o mundo está avançando nos últimos anos para uma concentração de renda muito grande, cada vez um número menor de pessoas ganham fortunas, enquanto os salários de uma maneira geral, estão diminuindo. O desemprego hoje atinge mais de 1 bilhão de pessoas, que são aptas a trabalhar e não têm trabalho. É algo espantoso, nunca se atingiu um nível desse. Essa revolução tecnológica está trazendo

⁹ Esta palestra foi realizada no dia 28 de abril de 1997, no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, e o tema era: "A História do 1º. De Maio". Esta atividade fazia parte do evento "A crise e o futuro – Uma jornada para além do capitalismo", que contou com mais duas palestras de outros dois companheiros e terminou com uma manifestação pública pelas ruas de Santos no dia 1º. De maio daquele ano.

mudanças grandes e profundas. Eu penso como Maurice Joyeux, naquele livro Reflexões Sobre a Anarquia: "Ou nós superamos isso dando um salto qualitativo no sentido de uma sociedade libertária ou nós vamos mergulhar", e já estamos mergulhando, numa barbárie tremenda, mesmo com todos os benefícios que a tecnologia nos traz. Por que tanto desemprego? Eles colocam essa tecnologia na prática e cada vez que são demitidos milhares de trabalhadores, eles não admitem mais pois eles colocam lá um robô. Acontece que robô não compra automóvel, ele não é consumidor. Vai vender pra quem se o povo não tem renda? Algo tem que mudar, de forma radical, no sentido da participação da economia do mundo. Os anarquistas têm que organizar justamente esse aspecto. As experiências que se tem do passado, em face das novas tecnologias, em face de todos esses aspectos que não eram esperados, tem que ser repensadas. O anarquismo tem a faculdade de se reciclar, é algo que não é fechado, ele está sempre aberto a novas contribuições, ele evolui com a evolução do mundo e das técnicas. Ele só tem uma coisa que é imutável, que é a sua essência, o princípio da liberdade, da justiça e da igualdade. Isso está implícito, lutar por uma sociedade desse jeito é que constitui a essência do anarquismo.

Nesse sentido, qual seria a aplicação prática do anarquismo hoje em dia? Limitar-se-ia à propaganda?

Por enquanto não tem muito a fazer a não ser isso, aumentar os contingentes. E começar a bolar, de uma forma criativa, práticas que criem espaços no mundo em que você está vivendo, tentando se aproximar muito mais das idéias e das práticas libertárias. Hoje existe uma série de iniciativas nesse sentido, pessoas que chegam até a se separar da sociedade, elas não se inserem no conjunto, na economia. Existe uma economia informal... Um exemplo de um grupo que atua dessa forma, é claro que eles têm uma prática muito específica, é o grupo do Roberto Freire, a Soma. Eles são uma dezena de pessoas que estão vivendo daquilo, as pessoas fazem o que gostam, o que querem, numa convivência libertária, uma prática anarquista hoje. Esse aspecto é muito importante. É claro que as pessoas agem e atuam conforme certas tendências que elas têm, certas características, aquilo que ela gosta de fazer. Por exemplo: pode-se dedicar às escolas. Existe na Europa, na Itália, até no Canadá iniciativas de criar escolas libertárias, com práticas libertárias para a formação de crianças e pessoas voltadas para outros princípios, outros padrões de comportamento, que você começa a estabelecer aqui e agora no seu cotidiano, dentro da sua casa até.

Isso eu expus numa palestra internacional promovida pelo instituto de psicologia da USP. Organizaram um seminário internacional no laboratório da criança, chamaram pessoas de todos os países e me convidaram para debater numa seção, dentro do encontro, chamadas "fronteiras do conhecimento". Era para eu falar sobre anarquismo e a educação na família. Eu dei uma introdução sobre os conceitos de educação e sobre os valores que o anarquista defende e que ele procura praticar dentro de casa, que passa para seus filhos. Eu justamente colocava esse aspecto de criar novas relações, de forma que as pessoas passassem a ter novos padrões de comportamento dentro da atual

sociedade. Você não pode fugir, você tem que trabalhar para sobreviver, você tem que ter alguma renda que se origina de uma atividade profissional autônoma ou tem que arrumar um emprego mesmo. Você vê dezenas de professores universitários que são anarquistas, atuando dentro da Universidade. A satisfação que eles têm é dentro do próprio trabalho, dentro do mundo em que se vive, com todos esses padrões de comportamento impostos desde a pré-infância que servem justamente para reafirmar e permanecer os valores da sociedade capitalista. Eles fazem um trabalho incrível de propaganda, de passar as idéias.

Eu fiz palestras em cursos de universidade que um tempo atrás nem se imaginava em fazer, tanto na área da história, da educação... O Pierre Ansard, que é da Sorbonne, criou um núcleo de estudo, na Universidade Federal de Santa Catarina, sobre os aspectos emocionais, práticos. Patos, no sentido grego, da paixão, do sentimento e não da razão. Os aspectos sentimentais, por exemplo, na política. Era um núcleo de professores. Você vê que dentro da atual sociedade há campos de atuação, mesmo de militância. É claro, que quando você se junta, e pode começar a criar órgãos, como publicar um jornal, uma revista, livros, você já tem um campo grande.

Na Itália eles têm recursos incríveis, tudo computadorizado. A Federação Italiana criou um arquivo chamado José Pinelli, onde está tudo concentrado. Num país como o Brasil onde a gente não tem dinheiro, não tem nada, se luta com muita dificuldade. Para você se contrapor à sociedade você tem que usar hoje recursos que são da própria sociedade. Hoje em dia você sem dinheiro não faz nada, não paga a gráfica, a aparelhagem de uma rádio. A televisão tem um poder de comunicação enorme. Eu vi isso quando fui no programa do Jô Soares. Foram 22 minutos falando de anarquismo e no dia seguinte parecia que todo mundo me conhecia, muitas pessoas falaram que me viram.

Eu fui para Piracicaba, pois a turma que se formou em história deu o meu nome, turma Jaime Cubero. Vê só, alguém que só tem três anos de primário... O paraninfo era o Eduardo Suplicy¹⁰ e a Marilena Chauí era madrinha. Dei meu discurso curto e grosso e a faculdade, Unimep, pediu para reproduzir pois o pessoal estava pedindo. Quando eu ia indo para lá, no dia seguinte do programa do Jô, os caras me paravam na estação: "Eu vi o senhor, como é que é isso?". Teve uma repercussão grande. Fizeram uma pesquisa por amostragem. O programa do Jô é tarde e é dirigido para um público específico, não é operário, nem quem tem que trabalhar no dia seguinte que assiste, são intelectuais, estudantes... A projeção dava que o programa era assistido por 10 milhões de pessoas, é muita gente. Se nós tivéssemos o acesso à televisão, você imagina o estrago que a gente poderia fazer. Essa falta de recursos é um problema muito sério hoje. Mas dentro do que o anarquismo pode fazer hoje está bom. Os esforços que se faz, uns mais dispostos, outros menos... Ninguém faz as coisas sob pressão. A militância anarquista é uma doação que o sujeito faz, ele se doa, se dá. A mesma coisa que os cristãos primitivos, eles se davam à causa do cristianismo. Claro que foi uma circunstância histórica que tem que ser estudada. De um lado está a decadência de uma sociedade e

¹⁰ Eduardo Suplicy, *atual* senador brasileiro pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

do outro a emergência de outra. O que tem havido é que quase todas as propostas e as lutas dos movimentos que querem superar a atual sociedade têm dado ensinamentos para manter o próprio status quo. Um exemplo simples: quase todas as leis que estão hoje na legislação trabalhista, elas foram, antes de se tornarem lei, conquistas dos trabalhadores, através dos anarco-sindicalistas no Brasil.

O anarco-sindicalismo no Brasil foi muito forte, ele se constituiu em um agente histórico poderosíssimo. Não foram somente reivindicações, já era uma conquista de fato e de direito, que depois o seu Getúlio transformou em lei. Aliás, isso é uma tese que o Hebert Marcuse, aquele da revolução de maio de 68, apresentou. Ele diz que todos os movimentos de contestação ao sistema acabam cooptados pelo próprio sistema e sendo utilizados como elementos de sustentação do sistema. Isso ainda tem acontecido. Mas essa idéia não é do Marcuse, não. O Florentino de Carvalho, num livro de 1923¹¹, onde ele já dizia isso e chamava a atenção para os sindicatos, pois o anarco-sindicalismo era muito forte. Ele dizia que do jeito que vai indo os sindicatos vão se transformar numa extensão do próprio Estado, para melhor controlar os trabalhadores. Não deu outra, né? Havia discussões entre o Florentino e o próprio Edgard, pois ele era anarco-sindicalista. Esses são aspectos que têm criado confusão até em muitos acadêmicos que têm escrito a história do movimento, teses e mais teses geradas lá no arquivo que havia uma divisão entre anarco-sindicalistas e anarco-comunistas, não era nada disso. Na hora da briga, do pega para capar, estava todo mundo junto. Havia sim, algumas discussões teóricas. O Edgard se põe a argumentar em favor do anarco-sindicalismo. Quando ele começa a falar o Florentino diz pra ele: "Olha Edgard, você vai me desculpar, mas isso é puro anarquismo. Você já não está falando de sindicato".

Aquele grande debate que houve num congresso anarquista em 1907, entre o Errico Malatesta e Pierre Besnard, um defendendo o sindicalismo como a única arma e o Malatesta mostrando que não, na posição contrária, que o objetivo de movimento anarquista era transformar toda a sociedade, em que estivessem inseridos todos os seres vivos, todos os humanos. Você não pode criar uma espécie de república sindicalista ou uma ditadura sindicalista. Ele dizia que não, que sindicalismo é um meio e não um fim em si mesmo. Eu também coloco o sindicalismo nessa posição. Ainda tem militante da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) espanhola que acha que o anarco-sindicalismo é o caminho... Bobagem! Não existe anarco-sindicalismo se não for o anarquismo. O que é o anarco-sindicalismo senão os anarquistas atuando dentro do sindicato e imprimindo, naturalmente, uma atuação libertária nas decisões, dando autonomia, independência. Os trabalhadores decidindo por si mesmos, sem nenhum vínculo com o Ministério do Trabalho, nem com o Estado. No entanto, hoje, o sindicato se transformou. O que são as grandes centrais sindicais, o que é a CUT, CGT? Como no mundo todo, são grandes instituições de gestão de mão-de-obra, que cada vez que há uma reivindicação aumenta a lucratividade das empresas e quem paga é o próprio trabalhador.

¹¹ O livro mencionado é *Da Escravidão à Liberdade: A Derrocada Burguesa e o Advento da Igualdade Social*, que foi lançado originalmente em 1927, porém, possui capítulos escritos em 1923.

Se eles são um aumento, eles não dão de graça, eles não vão tirar do deles. Eles repassam. Todo mundo repassa, só o operário que não pode repassar. Chega ali, pára. Tem que trabalhar e acabou. Bem, nós acabamos entrando numa discussão bem teórica, né? O que eu queria é que ficasse bem claro esse aspecto do anarquismo hoje. Talvez você ache umas posições esquisitas. Na época eu conversei com muitos militantes velhinhos, justamente pelo fato de começar muito novo. Convivi com os grandes militantes brasileiros. Dez anos no Rio de Janeiro com José Oiticica, quando fui para lá. Se eu fosse falar da minha vida pessoal até chegar lá seria um outro lado... Eu fui trabalhar no Rio, levado pelo Edgard, como jornalista. Eu fiz meu registro profissional lá, pois na época não era exigido o diploma universitário, isso passou a vigorar através de uma lei do Castello Branco¹² em plena redentora. Quem deu o meu certificado foi o Roberto Marinho. E foi justamente com ele que teve um grande debate quando nos demitiram por fazer greve...

(Pausa, a Maria, sua companheira, veio buscá-lo para tomar injeção).

Tudo bem. Então vamos em frente.

Eu e minha companheira, Maria, entramos para o grupo de teatro do Centro de Cultura. Nós participamos do grupo durante muitos anos, até a ocasião em que eu fui para o Rio de Janeiro, trabalhar no jornal O Globo. Eu já havia trabalhado num jornal antes. O Edgard disse: "Ao invés de você trabalhar como sapateiro, poderia trabalhar em algo mais qualitativo, melhor para o movimento". E me convidou para ir lá. Fomos eu e o meu cunhado Liberto. É claro que eu já entrei para o grupo do José Oiticica, as reuniões eram feitas na casa dele. Até, quando ele faleceu, eu estava dando plantão, era um domingo à noite. O repórter foi fazer uma cobertura sobre o Oiticica e eu fiquei espantado, pois eu havia estado com ele na véspera. Ele sofreu um infarto e morreu. Eu falei algumas coisas sobre ele e nós fizemos a matéria praticamente juntos. Foi a melhor matéria que saiu sobre o Oiticica na imprensa. No dia seguinte, o Ação Direta estava para sair e nós fizemos o necrológio, acabamos mudando toda a edição e dedicamos a ele. Acabamos pondo, como diretora do jornal a sua filha, a Sônia Oiticica, que é atriz, muito famosa na época. O trabalho dos grupos do Rio foi incrível. Isso foi antes da redentora. Quando eu falar redentora você já sabe que é a ditadura militar. Eu fui para o Rio em 54, justo no dia em que o Getúlio se suicidou.

E quando houve o golpe. Qual foi a posição dos anarquistas?

Não vou descrever a militância em detalhes. O pessoal quer que eu escreva minhas memórias, se eu tiver fôlego vou fazer alguns registros. Apesar de ter muita gravação por aí, às vezes as pessoas desaparecem. A redentora foi em 1964. Logo depois nós criamos o que nós chamamos de "Laboratório de Ensaios". Havia a sede do Centro de Cultura, na Rua Rubino de Oliveira, no

¹² Humberto de Alencar Castello Branco, ditador brasileiro de 15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967.

Brás. Nós tínhamos uma sala, mas construimos banheiros e um teatrinho de arena, em mutirão, pois havia pintores, marceneiros, pedreiros. Esse era o laboratório. Diariamente lotava, pois nós começamos a montar umas peças. Era um teatro de resistência. Um dos companheiros, o Valdir Copesque, escreveu uma peça chamada "Os Generais". Você sabe qual era o tema? Isso em plena redentora, só para você ter uma idéia do trabalho do laboratório. O tema da peça era como transformar um general num ser humano. E não conseguia, é claro. Como nós fazíamos com a censura? Nós dávamos um texto para eles e levava outro. Ou a gente dava uma peça para a censura e representava outra, ou eles podavam, mas nós representávamos inteira. Eram peças revolucionárias. Ali apareciam fiscais do DOPS e nós dizíamos que era uma aula, que era uma escola e ele ia embora. A gente não deixava entrar. Ficavam sempre dois ou três companheiros na porta do teatro para segurar os fiscais, a censura. Nós fazíamos em grandes teatros, que eram da prefeitura. Por isso muita gente estranha que, mesmo no teatro libertário das primeiras décadas do século, nos convites estava escrito que a comissão se reservava o direito de barrar a entrada de quem julgasse conveniente. Como que anarquista põe um negócio desses? O pessoal já conhecia os caras da polícia e não deixavam entrar. Não podia levar criança e nós deixávamos. Uma das coisas que foi bem encenada foi o teatro naquela série da Globo¹³, "Anarquistas Graças a Deus". O teatro libertário tem uma história incrível e nós participamos... Bom, no Rio de Janeiro houve uma série de peripécias. O jornal Ação Direta... Quando morreu o Oiticica nós não devolvemos o seu escritório e lá passou a funcionar o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), onde teve muitos cursos, etc.

Eu voltei do Rio de Janeiro porque fui demitido d' O Globo. Foram demitidos 80 jornalistas porque fizemos greve e não podíamos, não estava na nossa data de reivindicação. Fizemos uma greve em solidariedade aos gráficos e paramos o jornal. O Roberto Marinho (dono do jornal) ficou louco. Eu era subchefe do arquivo de redação, mas fazia de tudo lá dentro, e eu levava as matérias e os editoriais para ele ver. Ele me conhecia bem. Nós vivíamos em assembléia permanente no sindicato e eu escrevia todas as atas, pois ninguém queria fazer. Se a polícia pegou aquele livro de atas depois... Houve confrontos com a polícia. Isso está tudo num livro sobre a greve. Havia um cara rebelde, que ameaçou jogar bombas. Nós fechamos a rua em frente à Delegacia Regional do Trabalho, onde estava sendo julgado o dissídio. Quando você entra na briga é para brigar, né? O presidente do sindicato marcou uma entrevista com o Roberto para tentar a readmissão de todos os demitidos. Chegando lá, é claro, um diz que não fez greve, o outro porque não pôde entrar porque tinha um piquete e o Roberto Marinho só balançava a cabeça. Essa hora me pegou o que eu chamo de santa fúria, e eu pedi para falar também: "Eu não sei o que nenhum deles fez (eu sabia, né?), mas eu vou falar o que eu fiz. Eu participei da greve, eu fui da comissão de salário, estive nas discussões, na passeata da

¹³ Rede de televisão brasileira que estreou suas transmissões no dia 26 de abril de 1965, em plena ditadura militar da qual conseguiu sua concessão para ir ao ar. Seu proprietário foi o empresário Roberto Marinho até sua morte, em 2003, e, até hoje, a Globo é a rede de televisão de maior influência no Brasil.

Rua Almirante Barroso. E fiz tudo isso porque o nosso salário aqui é incompatível com a nossa profissão". Descarreguei tudo. Ele ficou ruborizado: "O senhor fez muito mal porque eu dei o maior aumento para os jornalistas no Rio". "Deu o maior aumento porque o senhor paga 32 mil cruzeiros para um redator, o Jornal do Brasil para 52. É impossível que ele desse um aumento igual ao seu". Ele ficou uma fera e terminou dizendo: "Para trabalhar n'O Globo precisa estar afinado com a ideologia do jornal, com a sua orientação. Ninguém que for contra essa orientação pode trabalhar no jornal. Se vocês quiserem voltar, podem voltar. Mas têm que escrever um documento confessando que cometeram falta grave, prometendo não cometer de novo. Eu prometo não utilizar esse documento junto ao Ministério do Trabalho em qualquer causa trabalhista contra algum de vocês, mas me reservo o direito de mostrar para todos que trabalham n'O Globo". Claro que a turma não ia se humilhar tanto, mesmo assim teve uma moça que escreveu. Enquanto estávamos em assembléia no sindicato aparece um superintendente do jornal para falar comigo, dizendo: "O Roberto Marinho gostou de você, porque achou que você foi a única pessoa digna que não negou e etc". E ele me chamou para voltar. Justamente em nome dessa dignidade eu não pude voltar. Eu volto só se voltarem todos os outros demitidos, e depois O Globo pode mandar embora, de acordo com a lei, indenizando, é um dever da empresa. Sozinho eu não volto. Uma proposta dessas, é claro, não foi aceita. Poucos dias depois o cara volta. Aí eu já estava meio cheio e disse: "Fala para o Dr. Roberto que, eu, Jaime Cubero, só volto a trabalhar n'O Globo se o Roberto Marinho escrever um documento dizendo que ele se enganou me demitindo, prometendo nunca mais cometer tal engano e eu prometo não usar esse documento no Ministério do Trabalho, mas me reservo o direito de mostrar para todos os demitidos".

Eu sabia o que estava fazendo e é claro que nunca mais passei na porta do Roberto Marinho. Aí eu fiquei desempregado e acabei trabalhando por um tempo no Jornal dos Esportes. Eu fui organizar a seção de arquivos da redação e o superintendente me disse que eu tinha que indicar duas pessoas para que fossem demitidas. Eu não ia indicar duas pessoas para que fossem demitidas. Eu não ia abdicar ninguém. Eu disse: "Eu me demito, vou embora e acabou. Eu não vou demitir nenhum companheiro". Dali eu fui trabalhar numa fábrica até que eu virei sócio do meu irmão que tinha uma loja de calçados. Vendi um apartamento que eu tinha no Rio e trabalhei com ele até me aposentar em 79. A loja era na Av. Celso Garcia (São Paulo). Durante toda a redentora, época em que o Centro estava fechado, nós fazíamos todas as reuniões dentro da loja. Reuníamos 30, 40 pessoas lá. Chegamos a fazer reuniões com o secretário geral da AIT, com gente de fora. Era um ponto de referência. Tinha jornalista que dizia: "Ah, sei. Os anarquistas que se reúnem numa sapataria lá no Brás". O pessoal sabia, nós corríamos riscos tremendos. Durante a redentora o Centro José Oiticica estava funcionando normalmente, com as palestras no Rio de Janeiro. Nós, aqui em São Paulo, uns cinco meses antes da promulgação do Ato Institucional nº5 (AI-5) e a lei que dava um arrocho, a Lei de Segurança Nacional, tínhamos o jornal Dealbar, que nós mandávamos por mala direta. Eu mesmo fiz o registro do jornal no correio e a gente mandava como porte pago. Essa taxa era por peso saía quase de graça, uma taxa

mínima. Nós tínhamos uma edição pronta, 1000 exemplares para mandar. Eu fui à casa do Pedro Catalo, que era o editor e disse para ele não mandar o jornal porque a bruxa está solta. Vão recolher isso aí e vão ficar com tanto endereço para prender gente que é melhor segurar. Levei o jornal e mostrei que a lei tinha sido assinada no dia anterior. Ele aceitou bem. E aí foi uma coincidência... o dono do prédio que nós alugávamos estava pedindo um aumento grande no aluguel... Agora acontece o seguinte: quando há uma repressão grande mesmo, não precisa tanto a polícia censurar, as pessoas começam, por si mesmas, a se autocensurar, a se autolimitar, a se afastar de atividades políticas que poderiam comprometê-las. Eu acho que isso é próprio da natureza humana, se preservar, se defender. Nós ficamos reduzidos, não dava nem para pagar o aluguel da sala, metemos a mão no bolso, fizemos uma "vaquinha". Quando veio o Ato nº5 e o homem pediu o aumento, eu disse ao Pedro: "Nós estamos nessa situação, acho que está na hora de pararmos com o Centro". Para ele foi um choque tremendo. A gente amava o Centro, nem pensava naquilo. Aí nós convocamos os companheiros, e aí aparecem os heróis salvadores da pátria. Espanhóis que nunca apareciam diziam que o Centro não podia fechar, etc. Eu disse: "O Centro não vai fechar, nós vamos dar uma parada. Estão pedindo um aumento grande e não podemos pagar (nós jogamos essa, né?). Depois nós reabriremos". Aí deu para contornar os mais exaltados. Eu que fiz a ata em que cancelamos a atividade do Centro de forma provisória. E nisso se passaram 20 anos... Tanto que quando foi para reabrir o Centro não precisamos fazer um novo estatuto, nem nada. Bastava fazer uma ata dizendo que o Centro de Cultura retomava as atividades e registrar no cartório. Isso caiu do céu. Nós paramos em 21 de abril de 1969 e retomamos o Centro em 14 de abril de 1985, depois da redentora. No dia em que inauguramos apareceram muitos professores universitários que deram uma força. Foram três estações de televisão, mas foi justamente nos dias em que o Tancredo Neves¹⁴ estava para morrer e isso acabou prejudicando a divulgação. A revista ISTOÉ publicou uma página inteira, aí o pessoal nos descobriu: "Os anarquistas reaparecem depois da redentora"...

Houve perseguição aos anarquistas durante a ditadura? Tortura...

Houve sim. No Rio de Janeiro, tinha uma moça que freqüentava as reuniões no Centro José Oiticica e namorava o filho de um coronel. Ela passou para o rapaz as reuniões do Centro e ele denunciou para o pai dele. Havia toda aquela onda de pegar "aparelho" aqui e ali. Numa bela tarde, o Ideal Peres, que era da comissão do Centro, estava trabalhando no hospital central do exército, como médico (imagina!), e avisaram-no que tinham invadido o Centro de Estudos. A companheira dele, a Esther de Oliveira Redes, estava dando um curso de matemática lá. Ela e os alunos desceram pela escada e a polícia subiu pelo elevador. Aí fizeram uma revista lá, levaram algumas coisas, os livros...

¹⁴ Tancredo de Almeida Neves, presidente do Brasil eleito em 15 de janeiro de 1985. Na véspera de sua posse, em 15 de março, sofreu uma cirurgia de emergência e veio a falecer em 21 de abril de 1985. No seu lugar foi empossado o vice-presidente, José Sarney.

Porque nesse período, na caça aos “aparelhos”, muitos policiais e militares, quando invadiam as casas, levavam tudo o que podiam. Foram apreendidos muitos livros, livros raros. Depois eles vendiam. Teve o caso de um jornalista da Folha de São Paulo que registrou isso e até publicou depois. Era difícil ter O Capital de Karl Marx. Os caras levavam embora e depois ele foi comprar o mesmo livro num sebo. Levaram embora muita coisa. Depois invadiram a casa do Ideal também. Aí estourou a boiada, começaram a prender um, depois outro. Prenderam uns 15 lá do Rio de Janeiro. Os inquéritos eram feitos por uma das três armas do governo, acompanhada da polícia e este foi instaurado na aeronáutica, no Galeão. Mas os caras que iam invadir eram grossos, despreparados. O Ideal, quando foi preso, tinha vários jornais estrangeiros, Tierra y Libertad, mas ele conseguiu picar e jogar na bacia do banheiro para não ser pego com aquilo. Ele era tido com um dos mentores intelectuais do movimento, tinha que confessar coisas... Para você ver, depois de invadir o Centro (em 1969), eles passaram a invadir as casas de militantes. Eles tinham o endereço, as fichas... Teve um caso extraordinário! Tinha o MEL, Movimento Estudantil Libertário, que era uma turma de rapazes, alguns de muito valor. Um até se formou psicanalista e depois veio em casa. Na época ele foi de uma coragem tremenda. Logo depois da invasão ele começou a retirar um monte de jornais. O Centro tinha dado espaço para um grupo trotskista guardar um monte de material, e ele foi e retirou tudo o que ele pode. Tanto que quando voltaram no Centro já não encontraram quase nada. Ele teve peito, pois o Centro estava lacrado... Justamente um pouco antes nós havíamos marcado um encontro para tratar da segurança em Penedo, pois a situação estava ficando perigosa. Nós não sabíamos da invasão do Centro José Oiticica. De São Paulo fomos uns 12 e sempre levávamos jornais e outras coisas para trocar. No caminho de Penedo tem a escola militar de Resende. O pessoal do Rio tinha alugado uma casa para os encontros, para os piqueniques. Na véspera correu uma notícia que a polícia tinha apreendido carros com material subversivo, eles paravam carros na rua. O pessoal ia com um medo tremendo. Chegamos lá e não encontramos ninguém no Rio. Eu fui à Resende telefonar para o Ideal e para outros e ninguém respondia. Aí nós resolvemos preparar um almoço e dar uma volta pela cidade. Quando voltamos para São Paulo, já no Largo da Concórdia, eu liguei para a casa do Edgar Rodrigues e a companheira disse que Esther havia ido lá e que não sabia de nada. Eu disse que havíamos marcado um piquenique e não apareceu ninguém. Ela disse: “A Esther veio aqui e o Edgar foi lá...”. Eles livraram a cara da Esther. O Edgar levou-a para um sítio, para ela ficar mais sossegada. Até então nós não sabíamos nada. Um português, amigo do Edgar, ligou perguntando se não tinha acontecido nada com a gente. Ele falou de um jeito cifrado só para dar a dica que a polícia tinha prendido todo o pessoal. Depois veio uma carta do Edgar pior do que aquilo e aí nós percebemos que a turma de lá havia dançado. Depois recebi um telefonema do Rio dizendo: “Olha, a tia vai aí te buscar, vocês se preparem, aqui aconteceu isso...”. Já foi um pouco mais explícito, mais inteligente ao passar as informações. A partir daí fomos sabendo das coisas e passamos a viver em constante sobressalto. Eles vieram em São Paulo nos procurar, mas nós já havíamos fechado o Centro de Cultura e não havia mais nada. Mas eles

tinham o meu endereço, o do meu irmão que constava lá nos processos. Depois, a primeira informação boa que nós tivemos foi no domingo seguinte, que o Pietro Ferrua, ele foi fundador do CIRA (Centro Internacional de Pesquisas sobre Anarquismo), na Suíça. Ele depois foi expulso da Suíça, foi parar nos EUA... Ele trabalhava como tradutor para o Palácio do Itamarati¹⁵, era poliglota. A primeira coisa que ele fez foi telefonar para mim e nós fomos nos encontrar na Praça da República, de uma maneira disfarçada, num banco. Fizemos de conta que tínhamos nos conhecido ali, sempre observando, vendo se não éramos seguidos... Nós passamos um bom tempo sempre pensando que tinha polícia atrás, é a paranóia. Se alguém virasse a esquina atrás de você, já achava que estava seguindo. Mas nós não saímos do lugar. Tanto que quando ligaram do Rio falando que eles vinham nos prender eu falei: "Eu não vou fugir. Não devo nada pra ninguém. Vou enfrentar. Vou ficar aqui e que se dane". Eu ia ao teatro e tudo mais. Fui ver "Romeu e Julieta", dirigida pelo Jô Soares. Uns estavam mais apavorados e outros menos, mas estávamos todos na expectativa aqui. No encontro com o Ferrua ele nos esclareceu tudo, disse quem foi, quem não foi, o que havia acontecido. Ele estava por dentro de tudo e só não foi preso porque estava no Chile, fazendo um trabalho para o Itamarati. Ele estava sendo esperado no Rio para ser preso. Os outros foram todos presos, torturados... A maior parte das torturas foram psicológicas. Pegaram o Ideal e faziam ele ouvir os gritos, os tiros, fazendo entender que estavam matando alguém. Chegou um sargento daqueles e disse: "Olha doutor, o senhor tem coração e eu também tenho. Mas o meu não funciona, não". O Ideal era médico, tinha nível universitário e por lei eles têm um privilégio, não ficam misturados com os outros, têm uma cela especial. Mas eles iam prendendo todo mundo. Era a fase do inquérito, do terror. Essa é a fase mais dura, onde pode acontecer tudo. Depois que encerra o inquérito e começa a rolar o processo na justiça a coisa fica mais calma, diante do juiz. Mas antes pode acontecer de tudo. A questão da tortura... Tinha dois meninos portugueses, eram irmãos, faziam parte do MEL... ficaram apavorados. Negando tudo quanto podiam nos depoimentos. Eu soube de todo depoimento do pessoal. O Ferrua foi embora e disse: "Nós aqui em São Paulo estamos incólume, não houve nada. Vamos fazer o possível para não cair ninguém daqui". Eu vou contar alguns fatos para vocês verem o que é o despreparo e o que é essa polícia. Por exemplo, pegaram dois estudantes, um era esse que foi retirar os jornais. Ele gostava muito de Voltaire¹⁶ e havia comprado as obras completas que guardava com muito carinho. Quando foram na casa dele levaram tudo, livros escolares, jornais. Enquanto ele está sendo conduzido na caminhonete ele fala para o outro: "Ainda bem que eu consegui salvar o Voltaire". Aí o cara aponta o revólver para ele e diz: "Dá o endereço, já! Dá o endereço!". Queria que desse o endereço do Voltaire! Ignorância pura! Já o Ferrua quando foi preso, desembarcou no Galeão e a polícia estava esperando e ele driblou a polícia. Ele é italiano, casado com uma brasileira, tem filhos e acabou chegando em casa. Depois foram buscar ele na casa, mas aí é outra

¹⁵ Setor do Congresso Nacional brasileiro, que se localiza em Brasília, Distrito Federal.

¹⁶ Pseudônimo de François Marie Arouet, que nasceu em Paris (França) em 21 de novembro de 1694 e faleceu em 30 de maio de 1778. Foi um escritor de idéias revolucionárias e um dos principais impulsionadores da Revolução Francesa de 1789.

coisa. Enquanto iam levando ele, disseram: "Pode dar a dica e começar a falar. Nós já prendemos mais de 80 e todos já abriram o bico". Sabe qual foi a reação do Ferrua? "Puxa, vocês conseguiram prender 80 anarquistas no Rio de Janeiro? Eu estou aqui há 10 anos e não consegui reunir 10 anarquistas. Como vocês fizeram isso?". Pura gozação! Você vê a presença de espírito. Outro foi o Roberto das Neves, ele tinha uma editora no Rio de Janeiro chamada "Germinal", era um português que teve cada aventura na vida. Uma vez se pôs a lançar manifestos anti-salazaristas e ele arrasava. Fazia poesias pornográficas contra o Salazar. Sei que uma vez os salazaristas pegaram ele e levaram lá para os caminhos de Petrópolis e deram uma surra nele. Ele dizia que tinha sofrido um acidente. No Rio de Janeiro, quando iam levando ele, tinha um cara da aeronáutica acompanhando a polícia militar. Era um pretão feio, mal encarado. De repente o Roberto olha para ele e diz: "Olha rapaz, apesar da sua aparência simiesca não me parece má pessoa". Sabe a resposta do sujeito? "Não adianta elogiar, não, porque o senhor não vai se salvar!". Essas coisas aconteciam. Depois quando contavam isso, todo mundo ria. Mas no começo a coisa estava dura. Depois que terminou a fase de inquérito, alguém conseguiu me mandar um dossiê do processo, com nomes, depoimentos, para eu ler e mandar para os EUA. Nós fizemos um pacto: se acontecesse alguma coisa com algum dos militantes presos, a gente ia mobilizar o movimento internacionalmente, com atos na frente das embaixadas em solidariedade. Logo depois que o Ferrua foi preso, soltaram, porque ele foi requisitado pelo Itamarati. Saiu do Brasil e não voltou mais. Foi julgado à revelia. Foi para os EUA e virou professor numa universidade no Oregon, foi pregar o anarquismo, fundar grupos. Era um cara extraordinário, um militante. Esteve no "Outros 500" para falar sobre arte e anarquismo. Era um sujeito de muito traquejo, muita capacidade e muita cultura. "Daqui o dossiê não vai sair, pois a polícia vai barrar. Vê se consegue mandar isso para o Ferrua nos EUA que é ele que vai articular a solidariedade internacional". Acho que foi o próprio Ideal que me mandou o dossiê, não me lembro. Eu sei que passei a noite inteira lendo esse dossiê, os documentos, o depoimento de cada um. Ali é que você vê o que são as pessoas, o sujeito se revela, o cara se encolhe, o medo e a covardia se apoderam. Eu não culpo, pois é da natureza humana sob toda pressão, ameaça e tortura. Tinha depoimentos assim: "Você conhece o MEL?". "Não conheço, mas sou contra". Pô, isso é uma resposta de condenação. Nós tínhamos uma Chácara onde fazíamos muitas reuniões, muitos piqueniques, chegando a reunir 200 pessoas em plena redentora. E eles pegaram filmes na casa de um deles e queriam impingir na marra que ali se treinava guerrilha. O sujeito disse que nunca havia estado lá. Aí pegaram um filme e exibiram o cara fazendo ginástica na frente de todo mundo. Você vê, não pode negar. Tem que se estar preparado para uma coisa dessas. Ele tem que falar o menos possível, mas algumas verdades ele não pode negar. Como o Ideal, que dizia que era anarquista, por isso e por aquilo... Tanto que o colocaram como se fosse o grande responsável, o líder lá no processo. Devido a essa estratégia, em São Paulo, de fechar o Centro, de não soltar o jornal, de ter recuado, os militares que vieram aqui voltaram e alegaram que não encontraram nada, que o movimento tinha acabado. Mas a gente estava

se reunindo clandestinamente, na casa de um companheiro do clube do Morumbi. Nós íamos um por cada quarteirão, descíamos dois ou três pontos antes, sempre olhando, driblando, para podermos nos reunir. Depois que começa o inquérito, Ideal manda uma carta de apelo, pois os advogados iam cobrar, naquela época, 30 mil, e eles não tinham dinheiro nenhum, ficaram apavorados. O Ideal até veio a São Paulo, pois já estavam soltos e iam responder ao processo em liberdade. Se fossem condenados, aí sim... Eles chegaram a apreender uma documentação terrível. Pegaram, por exemplo, um manifesto do MEL, que se chamava "Olho por olho, dente por dente", na ocasião em que morreu aquele aluno no Calabouço, o Edson. Acho que ele era do movimento. Foi um manifesto de retaliação onde eles pregavam o terrorismo, matar... Eles estavam revoltadíssimos com o acontecido. Distribuíram o panfleto em muitos lugares, na Central do Brasil. Depois a polícia pegou esse manifesto no Centro José Oiticica, esse e muitos outros. Esses famosos inquéritos de descoberta de "aparelhos" eram uma corrupção tremenda. Com dinheiro você comprava tudo. Aliás, o Edgar Rodrigues foi o primeiro que começou a fazer esse trabalho. Ele como construtor, foi lá e reformou a casa de um dos militares e depois quando tinham acesso iam retirando as provas. Esse manifesto foi um deles. E assim o processo foi se esvaziando... Nós aqui fizemos um movimento desolidariedade para pagar os advogados. Eu ia na casa de um companheiro e dizia: "Não vou dar o teu nome, não vou dizer quem já aderiu. Se por acaso descobrirem alguma coisa ninguém vai saber que você deu esse dinheiro". Assim conseguimos levantar o dinheiro. Era para pagar em 12 meses e o Ideal pegava todo o mês o dinheiro. Já houve um alívio. E nós aqui na expectativa de uma hora cair a bomba. Mas nós conseguimos nos livrar. E eles, no final, foram absolvidos. Agora, por quê? Justamente, um cara que depois foi delegado do DOPS acompanhava, no Centro José Oiticica, uns cursos de psicologia. Eles falaram desse cara para os advogados. Depois ele virou diretor do DOPS no Rio de Janeiro. E resolveram chamá-lo como testemunha de defesa, já que ele freqüentava o Centro. Ele foi lá e rasgou o verbo: "O governo devia é dar dinheiro pela obra de educação que eles fazem, devia ajudar e não perseguir e prender". Isso conseguiu livrar todo mundo.

O movimento continuou mesmo clandestino, mas foi se esvaziando, você não tem uma atividade normal, as pessoas começam a se afastar e não aparecer mais. Aí, é claro, o movimento se reduz muito. Essas ditaduras têm sido terríveis. O Edgard Leuenroth, que foi preso n vezes, me disse, logo depois da queda do Getúlio: "Nós vamos começar a reunir as pedrinhas que sobraram e vamos reconstruir o edifício libertário novamente". Vamos juntar as pessoas, recomeçar... O Edgard passou muito por isso, sofreu várias vezes repressão, prisões, processos. Nós fazíamos mesmo assim as atividades clandestinas na Chácara. Todo mundo passou a freqüentá-la. Fizemos mutirões, construímos um salão de 120m², nós mesmos. Teve um domingo memorável em que colocamos 3.300 telhas cobrindo, em 30 pessoas, mais ou menos, inclusive as crianças carregando telha, uns pondo telhas, outros fazendo o ripamento. Foi um episódio marcante. Nós participamos de alguns atos, promovidos por terceiros, em nome do Centro de Cultura, mesmo não existindo. Com o nome

do Centro nós promovemos na ABI de São Paulo, onde nós alugamos um salão na rua Augusta, fizemos vários seminários sobre racismo, sindicatos... A partir daí começamos a rearticular a reabertura do Centro e fizemos várias reuniões na União Brasileira dos Escritores (UBE), que é na Rua 24 de Maio. Apareceram muitos escritores, todo mundo querendo opinar. Foi gozado, pois tinha reunião em que apareciam 80 pessoas, na outra apareciam 60, mas eram pessoas diferentes daquelas primeiras. Até que um dia, quando a Rede Cultura de televisão estava fazendo o programa "Teatro Operário", dentro de uma série sobre teatro em São Paulo em que não podiam deixar de lado o teatro amador, operário, eles nos procuraram. E quando se falava em teatro operário no Brasil eram os centros de cultura, eram os anarquistas. Depois de 70, 72, no ABC¹⁷, com o Lula¹⁸ é que se organizaram grupos de teatro dos sindicatos. Mas antes o teatro era essencialmente anarquista. Nós gravamos e eles editaram meia hora só sobre o teatro libertário, com depoimentos meu, do meu irmão... E foi justamente quando tínhamos as reuniões marcadas para objetivar a reabertura do Centro. E quando eu falei que antes a gente ensaiava no Centro e que tínhamos uma sede, eles pediram para fazer umas tomadas lá, na Rua Rubino. Quando chegamos, coincidentemente a sala estava para alugar, a mesma sala onde o Centro havia estado. Nós mostramos onde fazíamos as palestras, onde era o Laboratório de Ensaios... mas saindo dali eu falei para os mais chegados que a sala do Centro estava para realugar. Fomos lá, falamos, realugamos e fizemos o contrato. Quando chegamos na assembléia da União dos Escritores, onde apareceram os caras mais malucos, muitos operários interessados, mas também gente que queria faturar ideologicamente, eu disse: "O Centro de Cultura já existe, tem a sede novamente na Rua Rubino de Oliveira". Conteí tudo. Alguns ficaram um pouco frustrados, outros se entusiasmaram. "Está aí, está resolvido. Vamos marcar uma data para reinaugurar o Centro". Aí fomos ao cartório, fizemos a ata de reinauguração e reabrimos o Centro justamente na data em que faleceu o Tancredo Neves.

Esse refluxo do movimento anarquista parece que se reflete até hoje...

Uma ditadura dessas faz um estrago que você não imagina. Fica difícil depois. Quando reabrimos o Centro, foi tanta a demanda que nós não tínhamos estrutura para absorver essa demanda. Havia muitos curiosos também. Mas após a reportagem da ISTOÉ nós recebemos muitas cartas de todo o Brasil e passamos a incentivar a criação de grupos, a reabertura de centros. Na mesma hora surgiu uma porção. Tanto que veio um delegado da AIT, que viu lá na Espanha, onde estava sediada nessa ocasião, que o Centro colocava a bandeira da CNT como um dos símbolos do anarquismo, para nos procurar, achando que já éramos um grupo que poderia desenvolver a AIT. Nós passamos a articular, dentro do Centro, os núcleos sindicais, de educação,

¹⁷ Bairro de São Paulo habitado majoritariamente por famílias de trabalhadores operários.

¹⁸ Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT), eleito presidente da república em 2003.

de teatro... Dentro disso fizemos um congresso que foram representantes de 13 estados. Isso em 1985. Eles se articularam logo. Dali surgiu a idéia de criarmos núcleos pró-COB, porque não podíamos sair como Confederação Operária Brasileira, que era a central anarco-sindicalista brasileira. Tinha os núcleos estaduais e uma articulação nacional. Eu mesmo fui indicado para secretário nacional dos núcleos, escrevendo para a AIT, estabelecendo novas relações. Chegamos a fazer comícios, lotar teatros, sair na rua em passeata no 1º de Maio, e uma série de atividades importantes. Aqui é o Zé Carlos¹⁹ que seria o secretário da "Liga de Ofícios Vários", de São Paulo, porque o movimento anarco-sindicalista se origina assim. Você não tem gente para formar sindicato de acordo com a categoria profissional, então se cria uma espécie de sindicato de ofícios vários. À medida que vai crescendo, por exemplo, se atinge 15 do ramo da construção, eles se destacam e já formam um só da construção. Precisa de um número mínimo de pessoas para se destacarem, mas o de ofícios vários continua, procurando absorver pessoas, que às vezes são uma ou duas de diferentes atividades. Até hoje existe essa relação com a AIT, esses núcleos pró-AIT. É que depois apareceu um sujeito que acabou prejudicando demais o movimento. Ele foi até no congresso da AIT representando o movimento, fez coisas tremendas. A editora "Madre Tierra", só de livros anarquistas, mandou para ele 8.000 volumes de diferentes livros, pois ele disse que era capaz de distribuir na América Latina, e ficaram todos presos na alfândega, ele não foi nem buscar. Hoje ele é aliado do Maluf²⁰, Leonardo Morelli é o nome dele. Ele se auto-intitula presidente do "Sindicato dos Ônibus Clandestinos". Ele era funcionário da rede ferroviária, na época. E ele enganou todo mundo, a tal ponto de ser indicado para representar o Brasil nessa reuniões. Viajou por lá e tal. Fez um estrago tremendo. Ele foi, praticamente, o responsável por arrasar o movimento anarco-sindicalista no Brasil. Agora é muito mais difícil. Os grupos começam a perder credibilidade. Um sujeito só fez esse estrago. Por isso que nós temos que tomar cuidado, tem que ter responsabilidade. Todo mundo foi babaca com ele, ele levou na conversa. Eu fiz um tremendo dossiê que eu mandei para a AIT, mostrando o que aconteceu. O núcleo, na época, se juntou aos punks. Ah, só para abrir parênteses aqui: eu não considerava os punks uma instância anarquista. Tanto que o jornal Folha de São Paulo me entrevistou e perguntou sobre os punks. Eu falei o que era, sobre esse problema antimilitarista, explicando porquê, que eles perdiam o emprego e que eles tinham vínculos com o movimento internacional, mas eu não considerava. Eles levantaram algumas bandeiras anarquistas, o próprio antimilitarismo é uma delas. Eles era numerosos, uns 400 ou 500, na época em que estavam juntos com o Leonardo Morelli. Porque ele juntou os punks que não tinham nada a ver com o sindicato, para mostrar gente. Uma ocasião, eu disse isso numa palestra que eu fiz na faculdade de

¹⁹ José Carlos Orsi Morel, membro do Centro de Cultura Social de São Paulo.

²⁰ Paulo Salim Maluf, desde 1995 é presidente nacional do Partido Progressista Brasileiro (PPB). Em 1969, foi escolhido para ser prefeito de São Paulo pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido governista implantado pela ditadura militar brasileira. Em 1978, foi governador de São Paulo, também indicado pela ARENA. Em 1982, foi deputado federal pelo Partido Democrático Social (PDS), e em 1992, foi eleito prefeito de São Paulo.

jornalismo em Santos, quando perguntaram sobre os punks, e até estava o Moésio Rebouças, que foi punk (hoje ele não é mais), e acabou se insurgindo. Eu disse: "Pô! Não é! Eu não considero como parte do movimento anarquista! Falta informação, eles não têm informação nenhuma". Depois é que evoluíram e formaram o anarcopunk, aí já passaram a estudar. Aquele problema do aspecto já reduziu, muitos não andam mais de moicano. Se você pergunta para um punk porque ele usa aquilo, ele diz que é um protesto contra a opressão aos índios. Pô! Isso é índio americano. Você tem que andar como índio brasileiro, defender o índio brasileiro, andar de batoque. Isso não tem nada a ver. Várias vezes os punks estiveram entre velhos e eu me dou muito bem com eles, com os anarcopunks. Eles me procuram... Eles evoluíram muito e ainda têm o que muitos velhinhos, que já estão mais para lá do que para cá, não têm: o vigor da juventude, uma grande ânsia de liberdade, uma força tremenda de trabalho, são decididos, enfrentam as situações... Mas eles têm coisas curiosas. Uma vez eu convidei uns punks, que eram do núcleo da ESP, eram vários irmãos... Porque eu não gosto da música punk, eu ouvi muita música erudita, desde menino. Agora dizer que isso é de elite. Elite nada, arte é arte! Todo mundo tem o direito ao acesso à arte. Eu gosto de ouvir Beethoven²¹. Agora aquela música de punk me parece muito mais poluição sonora. Eu falei para eles, quando eles foram fazer a palestra e os punks tomaram conta do Centro... Eu sempre tive uma relação muito boa, hoje eles me procuram mais como uma espécie de conselheiro, os anarcopunks. Você vê que uma grande parte deles passaram para os neonazistas, os carecas. Porra, os caras não sabem onde estão. Eu recebi fanzines deles, que de um lado tinha o A circulado do anarquismo e do outro o sigma nazista. Onde os caras estão com a cabeça? Não têm a mínima noção, falta informação. Por isso que eu dizia que não considerava anarquista. Eu achava que era um movimento de contracultura muito ativo e radical, mas não têm conhecimento suficiente. Hoje estão procurando, estudando... Naquela época tinha um militante italiano, o Carlo Aldegheri, que morava em Guarujá. Foi um grande militante, mesmo depois de velho sempre colaborava. Ele chegou a ser preso em campos de concentração na Europa, fugiu de lá e voltou para libertar companheiros. Foi ativíssimo, de uma coragem tremenda, participou das Brigadas Internacionais na revolução espanhola. Ele foi preso junto a um cara que chegou a ser presidente da Itália, tem até um livro com uma matéria sobre ele. Eu o coloco como uma figura importante dentro do movimento e o respeitava pela coerência. Naquela ocasião ele estava assistindo à palestra do punk da USP que nós convidamos e ele chega a dizer: "Olha, com essas idéias, nem daqui a 10 mil anos vocês vão mudar nada. Que não é desse jeito que vai mudar". Ele falou o que pensava na hora. Numa ocasião eu falei para esse rapaz (ele tinha uma voz cavernosa): "Que mensagem você transmite na música? Um puta barulhão que vocês fazem". Ele disse: "Não. A mensagem está na letra!". "Porra, quem vai entender a letra com aquele barulhão todo". "Não. A gente passa o folheto com a letra para todo mundo". Eu achei até engraçada a resposta dele. Você quer ver. Quando houve aquele encontro lá em

²¹ Ludwig Van Beethoven, compositor alemão nascido em Bonn (1770-1827), considerado até hoje como o grande gênio da arte de fazer música.

Florianópolis, encontro internacional de pedagogia libertária, eles foram convidados e apareceram num grupo grande. E eles não se misturavam com o pessoal, que fez uma festinha, com bailes, a maioria professores da universidade. Uma menina veio me chamar, pois eles estavam do lado de fora, numa mesa, e queriam falar comigo. "Por quê vocês não participam?". "Não. A gente quer ficar aqui mesmo!". Aí eu fiquei o resto da noite conversando com eles ali. E falando para eles que queria fazer um diálogo firme com eles e coloquei uma série de atos deles que eu achava totalmente incoerentes, não têm cabimento. Por exemplo, aquela manifestação que eles faziam todo 7 de setembro. Acho que alguns grupos ainda fazem, no desfile militar, contra o exército. Eles anunciaram que iam fazer uma manifestação antimilitarista, uma estação de rádio divulgou isso. Não deu outra: logo depois os caminhões da polícia foram prendendo tudo quanto era moicano que ia se dirigindo para lá. Pegaram uns 300, colocaram na Rua Direita, tudo deitado, cortaram os cabelos, enfiaram o cabelo na boca, uma repressão tremenda. Minutos depois um deles estava ligando para a minha casa, perguntando se eu poderia indicar um advogado. Eu indicava, mas eles não tinham dinheiro e eu indicava as entidades de direitos humanos, da Igreja, não importa, desde que tivesse um advogado que possa ir lá defender. Eles salvaram a cara de muita gente.

Eu falei para eles: "Lá na Avenida Tiradentes desfilam 4000 soldados. Que vão dois parentes de cada soldado, entre mãe, irmão, dá quase 10 mil pessoas. Todo o povo que está lá é parente dos soldados. Vocês vão lá com essas faixas hostilizar, só vão criar opositores". O Moésio, de Santos, tinha escrito um manifesto antimilitarista muito bem feito mostrando as estatísticas do que se gasta em armamentismo. "Por quê vocês não pegam esse manifesto, reproduz e distribui em surdina, sem aparecer, para se livrar da repressão?". Mas parece que eles gostam de ser presos. Distribuir em surdina para o povo que está lá, que seja parente de soldado, porque se o cara tiver coragem de ler vai causar alguma coisa, é uma mensagem que chega a ele. Com agressividade não adianta nada. Vão criar hostilidade. Uma vez, seis horas da manhã bate à minha porta, no Brás, um rapaz daqueles. Eles tinham passado a noite toda na cadeia. Sabe por que? Eles estavam quebrando semáforo e achavam que com aquilo eles estavam fazendo revolução. Eu falei: "Senta aí! Olha, em primeiro lugar aquilo lá é um equipamento público, tudo que é público pertence ao povo, mesmo que o Estado que faça a gestão. Temos que preservar porque aquilo é nosso. Segundo, se vem um carro daqui e outro de lá eles vão se trombar se um não parar e esperar o outro passar. Esse é um recurso que a gente tem, pode ser que por um milagre, no futuro se invente outra coisa melhor. Mas hoje ele é necessário. Vocês estão destruindo um equipamento, como o telefone público. Porra, quem usa telefone público é quem não tem telefone, não tem recurso, não é rico".

É um tipo de revolta que é canalizada para o lado errado...

Fazendo isso vocês não estão mudando nada. Eles pegaram uma delegada que deu um chá de cadeira durante a noite e falou que se queriam mudar a sociedade não era assim, destruindo, foi até boazinha, pelo que ele me contou.

Esses atos são contraproducentes. Vocês estão usando meios que ao invés de aproximar, afastam vocês dos fins. Vocês passam a serem vistos como marginais, desordeiros, mais nada. Não como alguém que tem uma proposta. Eu acho que muita coisa eles mudaram graças a papos como esses. Um dia eu quero discutir sobre o movimento punk, saber as estratégias, não saber se é legítimo, pois cada um faz o que quiser. Nós temos que pensar se tais ações são algum retorno favorável ou elas só prejudicam o movimento. Nós nunca fizemos essa reunião. Eles têm um potencial enorme, mas gastam muita energia para o lado errado. A Folha de São Paulo tem uma série de editores comunistas e marxistas, e foram me entrevistar enquanto anarquista. A manchete foi: "Movimento punk sucederá o movimento anarquista". Eu não falei isso, de jeito nenhum. Estão distorcendo tudo. Ia culminar com uma entrevista sobre a revolução espanhola e eu disse que não dávamos mais entrevistas. O José Arbex me telefonou no Centro de Cultura e disse que ia fazer uma série de uma semana, no cinqüentenário da revolução espanhola, para tratar dos outros aspectos da revolução, dos anarquistas... Eu disse: "Não dou mais entrevista para a Folha de São Paulo, vocês distorcem tudo, eu não quero nem saber". Depois ele voltou e disse se nós fizéssemos por escrito, as perguntas e respostas. Assim teríamos o direito de cobrar qualquer distorção. Aí sim. Chamamos militantes da revolução espanhola. Pedro Rueda, que está na Espanha. Tem o Diego Gimenez, que vocês podem entrevistar. Ele até tem um livrinho sobre os campos de concentração²². É ele quem faz as minhas encadernações, está com 80 e poucos anos. Vem sempre aqui. Ele é uma boa pessoa para entrevistar...

Aí nós chamamos os espanhóis e eles responderam, nós só orientamos na linguagem. Eles fizeram. Um deles chegou a ocupar um cargo de capitão de milicianos. Lá na Espanha, para poder comandar o grupo, os próprios milicianos escolhiam quem eles achavam mais capaz. Se o cara pisasse no tomate estava fora. Um princípio bem libertário. Você indica, se o sujeito não cumprir é substituído. Ele comandou batalhões, organizou coletividades. O Diego também. Ele participou ativamente das batalhas, tem fotografias dele fardado. As respostas foram bem feitas. O seriado ia terminar num domingo. No sábado, quando cheguei no Centro tinha um recado do Arbex. Eu liguei para a Folha e ele disse: "Infelizmente meu chefe disse que não haverá espaço, me desculpe, depois de tanto trabalho, etc.". Eu já sabia o que era: censura. É claro, ali mostrava o que tinha sido os comunistas. Para a Folha, nunca mais. O Roberto Freire, naquele livro *Tesudos de Todo o Mundo: Univos*, tem um ensaio malhando a Folha de São Paulo. O jornal O Estado de São Paulo que é muito mais direitista, formal, tem sido fiel em todas as matérias que tem feito com os anarquistas, comigo. Depois ele dá a opinião que quiser, mas não altera a matéria. É por aí. Os punks hoje vão no Centro de Cultura, têm uma aproximação...

No meio punk tem uma grande distribuição de livros...

²² *Mauthausen – Campo de Concentração e Extermínio* de Gimenez Moreno, 1ª. Edição – 1975, Ediciones Hispanoamericanas, Brasil.

Hoje eles procuram ler, se informar, distribuem materiais. Nenhum militante pode fazer uma boa militância sem um mínimo de conhecimento das idéias e princípios que ele defende e um sólido conhecimento do passado desse movimento para não cometer os mesmos erros, como fazer alianças com trotskistas... Eu indiquei livros para eles. No "Outros 500", que era organizado pela PUC e pelo CCS, nós recebemos 50 convites para distribuímos para quem quiséssemos. Todos punks que vieram me pedir eu dei. Por isso que eles marcaram presença lá. Nenhum deles pagou nada. Se você vir às fotos das manifestações que eles fizeram na porta do TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo), passeatas enormes, foram junto com os "caras pintadas" contra o Collor²³. Coincidiu e eles iam com as bandeiras. Hoje já se tem outra relação, agora eu considero uma instância do movimento. Não só porque dependem as bandeiras anarquistas, mas porque têm um pouco mais de coerência. Aqueles criadores do festival "Dezembro Negro", por exemplo, se diziam punks. Basta dizer que esse rapaz que estava quebrando telefone e foi em casa de madrugada, depois passou para a TFP, Tradição, Família e Propriedade. Como explicar isso? É claro que há enganos terríveis. Muitos deles passaram para os carecas e começaram a se digladiar, gastando energia à toa. E eu comecei a raspar careca já faz um bom tempo, pois meu cabelo começou a cair... Uma ocasião veio uma japonesinha careca me convidar para fazer uma palestra na escola dela, mas acho que ela pensou que eu era careca. Aquele negócio do "oi!", "oi, como vai?..." Falei: "puxa, sua família não diz nada?". "Minha família me expulsou de casa por causa das minhas idéias...". Ela era simpática e muito bonita. A diretora reuniu várias classes para eu falar de anarquismo, foi muito bom. Ela ficou agradecida. Depois alguns desses carecas viraram nazistas. Não tem como entender.

Eu queria saber sobre o anticlericalismo aqui no Brasil. Na Europa teve uma contestação dos dogmas religiosos que não ocorreu no Brasil. O racionalismo, Voltaire...

Aquilo é um movimento passado, depois acabaram assimilando aqui no Brasil. O movimento começa com o afluxo de imigrantes, na última quinzena do século passado, quando vêm aquelas levas de italianos, espanhóis, etc. Eles não traziam só sua força de trabalho, traziam também sua cultura. Muitos deles eram militantes lá na Europa. Eles, aqui, passaram a se organizar, dentro das fazendas mesmo. O anticlericalismo já vinha de lá, principalmente da Espanha. Tanto que o Brasil teve um dos principais jornais anticlericais do mundo, chamava A Lanterna, dedicado só ao clericalismo. Um jornal que rendeu muito. Tem até uma menina fazendo um trabalho para a universidade sobre as caricaturas dos jornais. O anticlericalismo dentro do movimento foi muito forte. O clero malhava os anarquistas. Inclusive estou fazendo uns recortes, pois como eu já estou muito mal e posso ter um piripaque a qualquer momento, estou trabalhando conforme dá para organizar minhas coisas, para

²³ Fernando Affonso Collor de Mello, presidente do Brasil de 15 de março de 1990 até 2 de outubro de 1992, quando se iniciou o processo de *impeachment*. Renunciou ao cargo em 29 de dezembro de 1992.

que eu passe isso de um jeito no qual as pessoas possam saber o que é. Isso é para o movimento. Eu tinha um monte de jornais que agora estou recortando. Tem uma seção no Estado de São Paulo que se chama "100 anos atrás". Dentro dessas notas, o que tem de militantes condenados, de ação da Igreja contra os anarquistas na França, na Itália e até no Brasil. A luta anticlerical se originou desde o início do movimento. Tanto que o Neno Vasco, um grande militante português que viveu no Brasil por uns tempos, escreveu, na minha opinião, o principal livro sobre sindicalismo²⁴, onde ele examina com perfeição essa questão. Ele não era dramaturgo, mas escreveu muito bem. Ele escreveu peças como, por exemplo, a peça de teatro anticlerical, "O Pecado de Simonia". Eu mesmo cheguei a trabalhar em peças anticlericais. O Centro sempre teve essa preocupação. Eu ainda não li essa matéria do Eduardo Valadares sobre anticlericalismo e anarquismo nessa revista Libertárias (São Paulo – outubro/novembro de 1997 – nº1). Mas ainda hoje, se você pegar as revistas atuais, têm grandes artigos anticlericais. Eu concordo com tudo isso. A Igreja é uma força que se aproveita da política. Hoje a teologia da libertação tem tomado outras posições. Eu cheguei a receber carta do dom Pedro Casaldaliga, aquele bispo do Araguaia. O cara é um revolucionário... Hoje existe um movimento católico anarquista nos EUA, que afirma: "Nós somos mais anarquistas que vocês, porque nós nos recusamos a pagar impostos, nós agimos na nossa prática e no nosso cotidiano como anarquistas. Vocês pagam impostos, obedecem uma porção de leis, etc". Você imagina, são mais radicais, né? Houve, por exemplo, o caso de um frei que me telefona num dia que eu estava doente e não podia nem sair de casa, pois meu telefone fica lá no Centro, nós damos uns plantões. Na terceira vez que ele ligou eu resolvi ir falar com ele. O cara tinha blusa vermelha, calça jeans, tênis, barbudo, parecia um daqueles adeptos do Fidel Castro na época. Ele escolhe uma porção de livros anarquistas, paga e sobra um troco. Ele diz: "deixa aí para casa". Eu perguntei para ele: "Você faz o quê?". "Sou estudante". "Você estuda o quê?" "Teologia". "Então como é isso? Você vai se ordenar?" "Não, eu já sou ordenado. Eu faço doutoramento em teologia". Você imagina... Ele chegou até a escrever matérias em revistas dizendo que o catolicismo e o anarquismo não são incompatíveis. Porque a luta deles dentro da religião é quebrar a estrutura hierárquica da Igreja. Isso ele me contava. Depois ele me chamou e queria estudar anarquismo e marxismo. Nós passamos sete horas dialogando sobre o assunto. Numa outra ocasião também. Discutimos os princípios anarquistas. Até que ele disse: "Não tenho dúvida, agora está tudo claro. Eu vou fazer minha tese baseada na concepção libertária da sociedade". Eu falei: "O que tem a ver o catolicismo com as idéias anarquistas?". "Tem muito a ver dentro da estrutura que nós estamos criando agora". A relação é com a teologia da libertação. Teve um dia que o conferencista faltou, quem ia falar era o Luis Scapozolli, aquele jornalista que acabou de escrever uma matéria de duas páginas sobre a "Colônia Cecília" no jornal O Estado de São Paulo. Ele ia dar a palestra e não sei porque perdeu o avião, ele vinha de Brasília... E o Frei passou a assistir as palestras no Centro de Cultura. Aí eu disse: "Não temos

²⁴ *Concepção Anarquista do Sindicalismo* de Neno Vasco, 1984, Edições Afrontamento, Porto.

palestrante, mas temos o frei Rui Manoel. Ele pode nos falar da teologia da libertação, de qualquer maneira um tema interessante para nós conhecermos". Aceitou e sentou-se à mesa. Aí puseram o homem na roda, principalmente as moças. Ele era um tipo bonito, boa presença. As moças perguntavam como um homem bonito como ele resolvia seu problema sexual e coisas assim. Rapaz, ele deu voltas e acabou dizendo assim: "Eu sou favorável ao casamento dos sacerdotes, mas eu vou muito além. Sou favorável a qualquer opção sexual do sacerdote". O que ele quis dizer com isso? O que deve ter de bicha aí no meio do clero que são reprimidos... Essa é uma relação... A Igreja era tremendamente reacionária mesmo. Denunciava e mandava prender. Você vê pelas notas dos jornais daquela época. Era assim, era realmente um dos pilares do poder na época. E ainda é!

Os anarquistas eram bem combativos...?

Claro! Os anarquistas faziam atos anticlericais, escreviam livros. Está cheio de folhetos anticlericais. Só o folheto de Sébastien Faure, "Doze provas da inexistência de Deus"... e outros folhetos. Eu dei esse livro para esse frei e ele falou "A coisa é muito mais complexa!".

Eu penso o seguinte: a questão anticlerical se confunde um pouco com o ateísmo... O livro de Faure, por exemplo. O argumento principal é o de um "deus tirano". Você pode entender que deus existe só que ele é mau, não é o deus bom que a Igreja mostra...

Não é por aí, tanto é bom como é mau, é indiferente, né?

Então, eu queria saber a relação do anarquismo com o ateísmo. A negação da existência de deus.

Geralmente havia um certo consenso dentro do movimento. Tanto que uma ocasião o Pedro Catalo, numa de suas palestras, disse: "O anarquismo em filosofia é materialista". Depois disso eu comecei a pensar... O próprio Bakunin que escreveu Deus e o Estado. Porque é claro, a figura de deus é usada simplesmente para justificar o poder, tanto o poder absoluto dos reis, como sempre justifica a hierarquia e a submissão. Ora, nós que já temos plena consciência de que o poder corrompe, achamos que não tem deus. Agora, é claro, quando se fala nesse deus, está se falando de um deus antropomórfico, um deus com forma de humano, que reproduz todos os vícios e todas as fraquezas humanas, assim como reproduz as virtudes, a dignidade, aquilo que se sonha como perfeição... Você vê o caso do José Oiticica, quando ele morreu chegou um repórter pra mim e disse: "Você conhece o Oiticica? Eu já soube muita coisa sobre ele, soube que era grão-mestre rosacruz...". E eu disse: "O quê? Porra!". Coisa que eu nunca poderia imaginar. Grão-mestre rosacruz. Ele era mesmo. Tanto que eu tinha um livrinho que eu nem imaginava que fosse

dele, chamava Os Sete Eu Sou, onde ele tenta explicar aquele "Eu sou" do Jesus Cristo no Evangelho, onde ele diz: "Eu sou a luz e a vida, eu sou isso e eu sou aquilo...". Ali ele analisa, uma concepção rosacruz, que propõem o estudo e o aperfeiçoamento do homem através do conhecimento, por isso eles têm essa hierarquia. Pô, se o cara é grão-mestre é porque existe os outros que são abaixo. Mas ele nunca misturou as estações, nunca ouvi José Oiticica dizer nada sobre isso. E ele era um dos mais combativos! Muito sério, muito coerente, de uma bondade fantástica...

Mas era um sujeito que não perdoava um deslize. Se você levava para casa um trabalho do movimento, preparar um artigo, fazer qualquer tarefa e não cumpria ele te dava uma chamada tremenda. Ele dizia: "Se você não pode, não aceita". Ele não perdoava o sujeito chegar atrasado na reunião, a não ser que tivesse uma razão forte. Eu aprendi muito com ele, essa coerência ética. No entanto você vê... vou citar outro exemplo. Aquele professor que findou as escolas modernas, o João Penteado. Ele no final da vida virou espírita. Eu depois encontrei uma série de anarquistas espíritas (que eu acho que não é incompatível). Ainda hoje conheço alguns.

Mas qual é a sua postura pessoal em relação à crença em algo metafísico?

Eu estou com Herbert Read. Ele acha que a religião é algo da natureza humana. O sujeito se faz perguntas que são irrespondíveis, aquelas eternas perguntas: "Quem sou? De onde venho? Para onde eu vou?". Nem a ciência, nem a filosofia, nem a religião tem respondido de forma satisfatória. Então o sujeito tem um certo apelo ao transcendente, a algo que está além da nossa própria natureza, talvez em outra dimensão, outra condição. E o sujeito as vezes aceita determinada religião em função desse apelo. Eu pessoalmente tenho uma posição muito mais de espectador, e de curiosidade em relação a todos os fenômenos da natureza, tudo o que pode acontecer, suas causas... Você vê, as mais diferentes teorias sobre a origem do universo, os cientistas mesmo não entram num acordo, cada dia aparece uma descoberta e uma teoria nova. Primeiro era o "Big Bang", agora já se pensa o que tinha antes dele e por aí vai. Isso não justifica nada. O problema é a origem da vida, das idéias. Eu aprendi muito com o Mário Santos, que tem um livro que chama O Homem Perante o Infinito, que é um extraordinário tratado de teologia. Acontece que o próprio Mário põe numa nota de rodapé que aquilo não queria dizer que era filiado a qualquer religião, nem ordem de cunho religioso. Mas ele achava que era da dignidade do filósofo examinar e tomar conhecimento de tudo que possa haver na prática e na natureza humana. Ele escreveu um outro livro que é Tese da Existência e Inexistência de Deus, onde ele reúne uma série de argumentos de pensadores famosos a favor e contra. O Mário chegou a estudar isso profundamente. Ele achava que a gente tinha que ter um respeito por isso. Não por essa avacalhação das religiões antropomórficas. Uma vez eu o interpelei, numa ocasião em que ele estava dando uma aula de filosofia num dos cursos que ele dava em casa e que eu freqüentava, eu disse: "Peraí! Deus, religião...". Ele disse assim: "Isso está tudo superado. Eu não

estou falando nesse sentido. Eu falo do sentido do homem buscar conhecer naturalmente algo que é superior”.

Isso não diz respeito à existência ou não de um deus, mas da aceitação...

Claro, a aceitação é simplesmente um ato de fé.

É a necessidade da crença...

A necessidade da crença, necessidade de crer. Agora, é claro, qualquer coisa que possa ocorrer na vida de uma pessoa, ela pode racionalizar e elevar a quintessência os fatores que o levam a acreditar. Aí ele diz: “Agora sim eu posso acreditar”. De repente morreu um parente que se apresenta em um sonho ou numa alucinação, sei lá. Vai tirar da cabeça dele que não é.

Mas isso não leva a uma submissão? Essa aceitação da crença...

Não, o sujeito não está aceitando a crença, ele está simplesmente examinando fatos, que podem ser ou não ser. Ele só não repudia a priori. Tanto que eu há pouco comecei mesmo a estudar religião. Eu já tinha lido tudo isso mas comecei a ler de novo, li o evangelho inteiro e outros livros sobre o evangelho. À medida que eu vou conhecendo eu acho de uma ingenuidade, de uma fraqueza. É simplesmente uma coisa humana, singela, que mostra uma saga. E eu tenho livros em que o sujeito prova que Cristo nunca existiu. No entanto você vê o que é a imagem do Cristo, o que é a crença e a fé nisso. E como é explorado isso no sentido político, que seja como for é político. Não vai me dizer que o que o bispo Edir Macedo (fundador da Igreja Universal do Reino de Deus) faz não é político, inclusive todos os pastores agora são candidatos a deputado. Eu morava pegado à antiga sede deles e numa ocasião eu estava lá na porta (e eles ficam na porta apanhando gente para entrar), ele veio falar comigo e eu disse: “Eu entro se você me mostrar que dá um chilique naquelas moças, como daí aí dentro, só que aqui fora. Eu quero ver de onde vem esse chilique”. O cara me virou as costas. Você já viu esse teatro, né? Quando diz que é tomado. Eu sou muito como São Tomé: é ver para crer. Mas ao mesmo tempo não me recuso a ver se a ocasião se oferece. Tem muito anarquista, como o pai desse meu cunhado, ele xingava deus “Deus é isso, deus é aquilo”. Mas como você xinga deus se você não acredita na existência dele?

É nesse ponto que eu acho que alguns anarquistas “pecam”. Como negar a sua existência afirmando que ele é tirano, que ele oprime... Se ele oprime é porque existe.

É preciso distinguir bem o que é pensamento individual sobre um determinado tema daquilo que é aceito, mais ou menos em tese, pelo movimento, com todas as diferenças que possa haver de pessoa para pessoa. Eu, pessoalmente, acho que a religião, no seu verdadeiro sentido, merece ser

estudada com todo respeito. É um fenômeno humano extraordinário que tem que ser estudado, nem que seja como manifestação cultural. Mas além disso, o próprio misticismo, que passa a ser uma muleta, uma necessidade para tanta gente. Em cima disso você vai ver qual o potencial disso, onde pode levar. Isso pode se encaminhar para um lado muito positivo. Você lê, por exemplo, o anarquismo cristão do Tolstói, é extraordinário o vigor com que ele ataca as instituições religiosas, a Igreja, o Estado. Por aí você vê. Eu vou condenar o Tolstói por isso? Lá naquele encontro de Florianópolis tinha um professor de Madri, que é um dos grandes nomes internacionais do anarquismo, o nome dele é Carlos Díaz. Naquela ocasião ele tinha 60 livros publicados. Ele foi convidado para o encontro como educador e para fazer parte de uma banca de análise de uma tese. Esse começou falando: "Eu sou católico. Só existem dois: o Tolstói e eu. Porque eu não conheço outro anarquista católico". Isso criou uma ojeriza, um mal-estar. Mas o cara afirma isso com toda segurança. Ele acha que deus é um símbolo que pode unir todas as pessoas. Aquela união, aquela solidariedade, aquele amor ao próximo que se faz necessário para uma convivência sadia, justa e livre, ela pode se desenvolver muito melhor através de uma crença dessas. Porque o símbolo de união seria a concepção divina, de deus. Eu acho que de fato a religião foi um fator extraordinário de civilização. Foi também de muita barbaridade, sem dúvida. Hoje em dia tem se dado o fenômeno desses fundamentalistas tão profundos, que está se dando nas religiões seculares, no islamismo... A religião é um bom tema... O anarquismo sempre se opôs e combateu a religião organizada e instituída. Se você pega o livrinho que o Edgard Leuenroth escreveu (em conjunto com Hélio Negro) em 1919, *Da Escravidão À Liberdade*, onde ele estuda religião... Basta dizer qual era a posição dele: materialista. Sabe como eles definiam metafísica? Metafísica é uma disciplina da filosofia, com abstrações do 3º grau, onde o sujeito raciocina, é o estudo do ser enquanto ser... No entanto eles diziam que a metafísica é um gato preto dentro de um quarto escuro que não está lá. Que não dizia nada, que não tinha consciência real. Isso era comum. O que tem de folhetos anti-religiosos! Era toda uma campanha sistemática contra a religião. Então, é claro, surgiram algumas figuras proeminentes dentro do anarquismo, como o Sebastien Faure. Era para ele se ordenar jesuíta. Muitos outros tiveram uma passagem dentro da Igreja e acabaram saindo fora. Nosso grupo mesmo começou a se desenvolver mais numa ação anticlerical. Agora, *A Lanterna* foi um jornal muito forte nesse sentido, tanto que muitas outras organizações e ideologias que eram anticlericais aderiram às campanhas. Tinha uma que chamava "azeite para a Lanterna", que era para ajudar a manter o jornal. Os espíritas mandavam dinheiro pacas, pediam pacotes, eram distribuidores. Era um jornal que circulava muito. Por isso que a Igreja não queria ver anarquista nem pintado. Eles pegaram alguns casos que foram estrondosos, escandalosos. O caso da Idalina de Oliveira, por exemplo. Foi um padre que chegou a estuprar uma garota e depois matar no interior. Eles fizeram uma campanha "Onde está Idalina?", n'A Plebe e n'A Lanterna. Dava pra fazer uma tese na universidade. Teve muitos outros episódios, né? Tem mais alguma coisa rápida para a gente falar?

Na verdade ainda tem várias coisas.

É que a gente ficava fazendo uma digressão em círculos, e uma coisa puxa a outra... Da parte biográfica eu poderia ter dito outras coisas, da parte do movimento e das idéias, tem tantos temas...

Já está axaustivo para você...

Eu estou muito cansado, está me dando uma tremedeira, está frio, né? Acho que é melhor deixar para uma outra vez...

Posteriormente a gente vê, marca um outro dia, quando tiver possibilidade...

Sim, claro! E vocês poderiam começar a freqüentar o Centro de Cultura Social...

Outras publicações

Entrevistas: Frank Mintz

A Defesa de Um Terrorista – Emile Henry

O Indivíduo na Sociedade – Emma Goldman

A História do Movimento Anarquista no Brasil – Edgar Rodrigues

Organização Anarquista na Guerra Civil Espanhola

Os Destruidores de Máquinas – Christian Ferrer

*Para mais informações, contribuições,
idéias, e outros, entre em contato!*

Reedição e Difusão

Imprensa Marginal

Cx. Postal 665 CEP 01059-970 SP/SP

Imprensa_marginal@yahoo.com.br